

PROJETO

CINEMATOGRAFICO

(O) ALEIJADINHO (O)

de *RENATO SANTOS PEREIRA*



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual

COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DE PROJETO

Número do Certificado **351**

Prorrogação

Certifico que o Projeto abaixo identificado, está credenciado a captar recursos através da colocação de certificados de investimentos, nos termos da Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993, regulamentada pelo Decreto nº 974, de 08 de novembro de 1993 e Lei nº 9.323, de 5 de dezembro de 1996.

Nome do Projeto

ALEIJADINHO (O)

Nome Produtora

VILA RICA CINEMATOGRAFICA LTDA

Nº CGC:

31.136.823/0001-72

Endereço:

RUA MEXICO, 90
CENTRO
20031-141

RIO DE JANEIRO RJ

Valor do Orçamento

3.895.355,00

Nome Banco:

BANCO BRASIL

Valor da Captação

3.000.000,00

Prefixo da Agência:

1517-2

Num Conta Corrente:

12995-X

Valido até: Quinta-feira, 10 de Dezembro de 1998

Brasília, Quarta-feira, 10 de Dezembro de 1997


Moacir de Oliveira

Secretário para o Desenvolvimento do Audiovisual

No
351/96[illegible]

XX

empresa brasileira de capital nacional

CGC n° 31.136.823/0001-72
 empresa aragonesa de capital nacional

está credenciada à obter investimentos, conforme previsto na Lei 8685/93, junto

Comissão de Valores Mobiliários - CVM

Valor do Orçamento: R\$ 3.895.355,10

Valor da Captação: R\$ 3.000.000,00

Valor da Contrapartida comprovada: R\$ 895.355,10

Este comprovante tem validade de 1 (um) ano a contar da data de sua emissão.

Em, 10 de dezembro de 1996

~~000R051RQRBHxG5ZtkR5xtS6KXTCOcxL3DkV7ZkXS~~

SECRETARIO PARA O DESENVOLVIMENTO AUDIOVISUAL

TOTAIS POR INVESTIDOR
ATÉ 30/12/98

INVESTIDOR	VALOR INVESTIDO
-	-
SÉRGIO AMARAL SILVA	R\$ 500,00
JAMIL FARAH MELKI	R\$ 895,00
CEMIG	R\$ 150.000,00
TELEMIG	R\$ 500.000,00
SAF PROD. ALIMENTÍCIOS	R\$ 7.142,00
PETROBRAS DISTRIBUIDORA	R\$ 120.000,00
SOTREL ENGENHARIA	R\$ 11.068,00
ULTRAFÉRTIL S/A	R\$ 190.523,00
GASTAL S/A IND. COM.	R\$ 4.258,00
MAGNESITA	R\$ 79.400,00
CARBEL	R\$ 9.000,00
IFF ESSÊNCIAS	R\$ 54.000,00
PASTIFICIO SANTA AMALIA	R\$ 40.000,00
REFRATEC PROD. ALIM.	R\$ 9.798,00
RISA REFRACT.	R\$ 44.145,00
CLC	R\$ 40.000,00
BANCO TRIANGULO	R\$ 46.000,00
COMBRASCAN	R\$ 25.000,00
CEPALI	R\$ 9.970,00
IKERA	R\$ 8.621,00
MONTEC	R\$ 6.150,00
M.S.A	R\$ 16.800,00
TOTAL	R\$ 1.373.270,00

Plano de Produção

PRODUTOR

VILA RICA CINEMATOGRAFICA LTDA.
RENATO SANTOS PEREIRA

PROCESSO SONORO

SOM ÓTICO

PROCESSO DE IMAGEM

EASTMANCOLOR

METRAGEM FINAL

120 MINUTOS

BITOLA

35mm

INFORMAÇÕES BÁSICAS DA PRODUÇÃO

SEDES DA PRODUÇÃO

RIO DE JANEIRO, BELO HORIZONTE E OURO PRETO

PRINCIPAIS LOCAÇÕES

OURO PRETO, SABARÁ, SÃO JOÃO DEL REI, CONGONHAS DO CAMPO, ESTRADAS DE RODAGEM DE TERRA, ESTALAGENS, SÍTIOS E FAZENDAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

NOTURNAS

INTERIORES E EXTERIORES

SOM

DIRETO: 70%
DUBLADO: 30%

FIGURAÇÃO

GRANDE (ACIMA DE 1000)

EQUIPE TÉCNICA

40 ELEMENTOS

ELENCO PRINCIPAL

ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA (MENINO E ADULTO),
MANOEL FRANCISCO LISBOA (PAI DO ALEIJADINHO), HELENA,

MAURÍCIO (MENINO E ADULTO), JANUÁRIO (MENINO E ADULTO), AGOSTINHO (MENINO E ADULTO), RODRIGO BRETAS E JOANA LOPES.

TOTAL: 12

ELENCO SECUNDÁRIO

CONDE DE ASSUMAR, FELIPE DOS SANTOS, PASCHOAL DA SILVA, MARTINHO VIEIRA, TENENTE JOSÉ ROMÃO, ISABEL, JOÃO GOMES BATISTA, FRANCISCO XAVIER DE BRITO, JOSÉ FREIRE DE ANDRADE, DAMIÃO DA ROCHA, CLÁUDIO MANOEL DA COSTA, TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA, DOM BERNARDO DE LORENA, MANOEL DA COSTA ATAÍDE, CHICO-REI, MULHER DE CHICO REI, LUIZ FURTADO DE MENDONÇA, TIRADENTES, JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS, MANOEL FRANCISCO (FILHO DO ALEIJADINHO, JOANA LOPES JOVEM, LIMA CERQUEIRA, VICENTE FREIRE DE ANDRADE.

TOTAL: 23

PEQUENOS PAPÉIS

PARTEIRA RAIMUNDA, PADRE FRANCISCANO, ORADOR DA CÂMARA, AMIGO DE ANTÔNIO FRANCISCO, OUTRO AMIGO DE ANTÔNIO FRANCISCO, GOUVEIA (MARCENEIRO), GRAZIELA, AMIGA DE HELENA, OUTRA AMIGA DE HELENA, TERCEIRA AMIGA DE HELENA, SOLDADO DA GUARNIÇÃO, OUTRO SOLDADO DA GUARNIÇÃO, TERCEIRO SOLDADO DA GUARNIÇÃO, PADRE FÉLIX, DONA ANTÔNIA DE SÃO PEDRO, PRIMEIRA FILHA DE DONA ANTÔNIA, OUTRA FILHA DE DONA ANTÔNIA, TERCEIRA FILHA DE DONA ANTÔNIA, FILHO DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA (BEBÊ), POPULAR I, POPULAR II, MÉDICO I, MÉDICO II, POPULAR III, POPULAR IV, MULHER DO PINTOR ATAÍDE, SEBASTIANA, NEGRA (MINA), PRESIDENTE DA CÂMARA, DEZ VEREADORES, ALVARENGA PEIXOTO, ALVES MACIEL, PADRE ROLIM, PADRE CORREIA, DOMINGOS VIEIRA, MORDOMO, ESCRAVO FORAGIDO, AJUDANTE DE TIRADENTES, DOIS POPULARES DIANTE DA CASA DOS CONTOS, DOIS MORADORES DE CONGONHAS

DO CAMPO, PADRE AMIGO DO ALEIJADINHO, OUTRO AMIGO
DO ALEIJADINHO.

TOTAL: 54

PORQUE O ALEIJADINHO?

Vila Rica, situada na província das Minas Gerais, separada havia pouco da província de São Paulo, conheceu, a partir das primeiras décadas do século 18, uma forte expansão artística e material, acompanhando a renovação ideológica e liberalizante que alterara profundamente os alicerces da Europa pós-feudal, no século dos Iluministas. Não obstante o férreo controle econômico-financeiro imposto pela coroa portuguesa, a cidade nascida com a descoberta do ouro pelos aventureiros paulistas conheceu um célere desenvolvimento urbanístico e um singular Renascimento em sua paisagem artística e intelectual.

Foi aliás essa configuração de fenômenos socioculturais que levou uma jovem professora e pesquisadora da Universidade de Estrasburgo, na França, a aportar recentemente em Ouro Preto, com o objetivo específico de complementar sua tese de mestrado, centrada no que chamou de "Terceira Civilização das Américas".

Com seus escritores e poetas arcádicos, seus artistas plásticos, seus arquitetos, escultores e pintores e seus musicistas em perfeita sintonia com as novas tendências da música sacra, essa civilização genuinamente mineira, e, por extensão, brasileira, teve no Aleijadinho sua maior figura e o mais universal de nossos artistas barrocos, sem perda da individualidade nacional.

O século 18 foi o século da *Revolução Francesa*, da *Inconfidência Mineira* e do herói brasileiro Tiradentes. Foi também o século do Aleijadinho, mestre da arquitetura e da escultura. Por isso, estamos firmemente engajados na preparação dessa obra cinematográfica contando a vida e a obra do mestre de Vila Rica, filho de uma ex-escrava, expoente e em muitos aspectos, patrono das artes plásticas do Brasil.

O gênio do século 18

RENATO SANTOS PEREIRA *

Com diplomas de assistentes de direção debaixo dos braços, vencidos dois anos no Institut des Hautes Études Cinématographiques, de Paris, com bolsas de estudos concedidas pelo governo francês, meu irmão gêmeo Geraldo e eu ingressamos na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, de São Paulo. Corria o ano de 1952. Depois de uma experiência como primeiros assistentes de direção nos filmes *Sinhá Moça*, de Tom Payne-Oswaldo Sampaio, e *Uma Pulga na Balança*, dirigido por Luciano Salce, fomos convocados pelo engenheiro Franco Zampari, mecenas italiano radicado em São Paulo, para nos dizer que chegara a vez de realizarmos o filme sobre "esse tal de Aleijadinho". Por conta da empresa, fomos então enviados a Ouro Preto, terra natal de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e de lá voltamos, à capital paulista, com um pré-roteiro narrando a vida e a obra do escultor e arquiteto mineiro. Aguardava-nos a surpresa: a Vera Cruz havia fechado as portas, já que o Banco do Estado de São Paulo cortara os investimentos, em forma de empréstimos, àquela produtora de filmes, a maior que o nosso país já conheceu.

Isto aconteceu em fins de 1953 e início de 54. *O Aleijadinho* ficou outra vez sendo um projeto gêmeo (somente três anos depois iríamos realizar o nosso primeiro filme de longa metragem, *Rebelião em Vila Rica*, graças a Abílio Pereira de Almeida, que reabriu a Vera Cruz sob o nome de Cinematográfica Brasil Filmes, para fugir do contrato firmado com a distribuidora norte-americana Columbia, a grande beneficiária do sucesso nacional e internacional de *O Cangaceiro*, de Lima Barreto).

Por que *O Aleijadinho*?, pode alguém indagar.

Com o fim do feudalismo e a ascensão da burguesia manufatureira, o século 18 pode ser também caracterizado nas artes e nas ciências pelo espírito iluminista. É fora de dúvida que aconteceu um novo Renascimento. E o fermento responsável pela efervescência das novas idéias veio no bojo do Enciclopedismo e do ciclo das grandes revoluções liberais e intelectuais. O cartesianismo, a universalidade dos sábios, a busca de novas vertentes na música, na literatura e nas artes, na matemática, na astronomia, na física e na química, nas ciências naturais e nas ciências do homem, fazendo parêntese com a

revolução tecnológica (compreendendo a técnica militar, o aprimoramento da náutica, a revolução financeira e industrial, e por fim as técnicas para melhorar a vida do homem) teriam forçosamente que migrar para o Novo Mundo de Colombo e dos navegadores portugueses, espanhóis, holandeses e ingleses.

Vila Rica, na província das Minas Gerais, separada havia pouco da província de São Paulo, conhecia a partir das primeiras décadas do século 18 uma forte expansão artística e material ao receber os frutos da renovação ideológica e liberalizante que alterara profundamente os alicerces da Europa pós-feudal. Não obstante o férreo controle econômico-financeiro imposto pela coroa portuguesa, a cidade nascida com a descoberta do ouro pelos aventureiros paulistas conheceu um celer desenvolvimento urbanístico e um singular Renascimento em sua paisagem artística e intelectual.

Foi aliás essa configuração de fenômenos socioculturais que levou uma jovem professora e pesquisadora da Universidade de Estrasburgo, na França, a aportar recentemente em Ouro Preto, com o objetivo específico de complementar sua tese de mestrado, centrada no que chamou de "Terceira Civilização das Américas". No interessantíssimo diálogo com a mestra francesa (há cerca de ano e meio), foi-nos dito que a antiga Vila Rica sediara no século 18 uma genuína civilização Barroco-Colonial Mineira, por ela apontada como a terceira em todo o passado do continente americano — as outras duas sendo, como se aprende nos livros de História, a civilização dos maias e astecas na Meso-América e a do Império Inca no mundo andino. Com seus escritores e poetas arcádicos, seus artistas plásticos, seus arquitetos, escultores e pintores e seus musicistas em perfeita sintonia com as novas tendências da música sacra, essa civilização genuinamente mineira, e, por extensão, brasileira, tem no Aleijadinho a sua maior figura e o mais universal de nossos artistas barrocos, sem perda da individualidade nacional.

O século 18 é ainda o século da Revolução Francesa, da Inconfidência Mineira e do herói brasileiro, Tiradentes. É também do Aleijadinho, mestre da arquitetura e da escultura. Estamos firmemente engajados na preparação de uma obra cinematográfica contando a vida e a obra do mestre de Vila Rica, expoente e em muitos aspectos patrono das artes plásticas do Brasil.

Escritor e cineasta

1630001-81 RS	SC Rio Negrinho 55 405.13	Prazo de Captação: 24/03/1999 a 24/06/1999	Bolsas de Estudo Associação Amigos da Fundarte CGC/CPF 91.693.630/0001-44 Valor do Apoio R\$:	RS Montenegro 17 905.00	98 3135 01400 009826/98-44	Prazo de Captação: 22/03/1999 a 31/12/1999
18510001-12 RS	GO Pirenópolis 72 997.90	Prazo de Captação: 24/03/1999 a 31/12/1999	(Of. nº 55/99)			
23796200-97 RS	SP São Paulo 322 650.00	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 31/12/1999				
23796200-97 RS	MG Itajubá 110 386.80	Prazo de Captação: 26/03/1999 a 11/04/1999				
835 497.00 RS	RJ Rio de Janeiro 93 988.06	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 31/12/1999				
58 868.00 RS	SP São José dos Campos 153 995.60	Prazo de Captação: 26/03/1999 a 30/06/1999				
703 846.27 RS	BA Feira De Santana 703 846.27	Prazo de Captação: 25/03/1999 a 31/12/1999				
85 644.00 RS	SP São Paulo 85 644.00	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 31/12/1999				
26 032.20 RS	PR Curitiba 26 032.20	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 31/12/1999				
25 931.40 RS	RJ Rio de Janeiro 25 931.40	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 30/06/1999				
118 204.53 RS	GO Goiânia 118 204.53	Prazo de Captação: 24/03/1999 a 31/12/1999				
35 120.00 RS	SP São Paulo 35 120.00	Prazo de Captação: 25/03/1999 a 31/12/1999				
24 000.00 RS	PR Curitiba 24 000.00	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 30/06/1999				
795 850.00 RS	MG Montes Claros 795 850.00	Prazo de Captação: 25/03/1999 a 31/12/1999				
135 559.82 RS	RS Santa Maria 135 559.82	Prazo de Captação: 23/03/1999 a 31/12/1999				
159 636.40 RS	RJ Rio de Janeiro 159 636.40	Prazo de Captação: 22/03/1999 a 31/12/1999				
95 978.57 RS	RS Montenegro 95 978.57	Prazo de Captação: 22/03/1999 a 31/12/1999				
131 792.00 RS	RS Montenegro 131 792.00	Prazo de Captação: 22/03/1999 a 31/12/1999				

SECRETARIA PARA O DESENVOLVIMENTO AUDIOVISUAL

PORTARIA Nº 16, DE 30 DE MARÇO DE 1999

O SECRETÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO AUDIOVISUAL, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Portaria do Ministério da Cultura nº 500, de 18 de dezembro de 1998, resolve:

Art. 1º - Prorrogar o prazo de captação dos projetos audiovisuais, relacionados em anexo, para os quais os proponentes ficam autorizados a captar recursos através da colocação de Certificados de Investimentos, nos termos da Lei nº 8.685, de 20 julho de 1993, regulamentada pelo Decreto nº 974, de 08 de novembro de 1993 e Lei nº 9.323, de 05 de dezembro de 1996.

Art. 2º - Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOSÉ ÁLVARO MOISÉS

ANEXO

1	Aleijadinho (o) Vila Rica Cinematográfica Ltda CGC/CPF 31 136 823/0001-72 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	96 334 01400 002952/98-41
2	Aqui Estamos Nós Mapa Filmes Do Brasil Ltda CGC/CPF 33 139 692/0001-02 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	97 598 01400 007820/97-14
3	Arigó E Dr. Fritz Crystal Vision Produções Ltda CGC/CPF 31 887 805/0001-22 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	96 318 01400 007866/96-26
4	Carvoeiros (os) Zazen Produções Audiovisuais Ltda CGC/CPF 01 803 185/0001-35 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	97 533 01400 006965/97-00
5	Caso Morel (o) Techno Comunicações Ltda CGC/CPF 72 150 345/0001-32 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	95 433 94
6	Danças E Festas Brasileiras Kino Filmes Produções artísticas E Cinematográficas Ltda CGC/CPF 01 464 291/0001-31 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	97 37 629
7	Documentário: Exército Na Segunda Guerra Castro Oliveira Comercio Industria E Serviços Ltda CGC/CPF 00 817 115/0001-73 Período de Captação:	DF	Brasília	98 645898 9458/98-52
8	Documentário: Marinha Na Segunda Guerra Castro Oliveira Comercio Industria E Serviços Ltda CGC/CPF 00 817 115/0001-73 Período de Captação:	DF	Brasília	98 645308 9453/98-39
9	Morte Da Mulata (a) Verve Produções E Consultoria Ltda CGC/CPF 31 478 621/0001-09 Período de Captação:	ES	Vila Velha	96 312 01405 000177/96
10	Orfeu - Tragédia Na Favela Rio Vermelho Filmes CGC/CPF 01 233 122/0001-90 Período de Captação:	RJ	Rio de Janeiro	96 290 01400 006151/96-30
11	Oriundi Laz Audiovisual Ltda CGC/CPF 80 816 838/0001-97 Período de Captação:	PR	Curitiba	96 230 01400 007981/96-23
12	Por Trás Do Pano Via Produções Artísticas CGC/CPF 66 657 727/0001-54 Período de Captação:	SP	São Paulo	96 241 01400 005991/96-25
13	Rio São Francisco (o) Vito Dimiz Prod Cinematográficas Ltda Me			97 27 01400 001278/97



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CARTA DE APOIO INSTITUCIONAL

Belo Horizonte, 05 de maio de 1998

A Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais tem o prazer de apresentar o filme de longa metragem **"O Aleijadinho"**.

Esse filme enfoca a figura do artista mineiro Antônio Francisco Lisboa, conhecido como O Aleijadinho. É importante que as novas gerações de brasileiros venham a travar contato, através do cinema, com o escultor e arquiteto que dominou, com a sua genialidade, as Artes Plásticas nos séculos XVIII e XIX no Brasil, e que foi uma das grandes figuras das artes barroca e rococó universais.

A direção e roteiro do filme serão dos renomados cineastas Renato e Geraldo Santos Pereira, e a música é de Villa Lobos. Estão previstas locações no Rio de Janeiro, Ouro Preto, Sabará, São João Del Rei, Congonhas do Campo, estradas e fazendas de Minas, com o envolvimento de 1.642 pessoas, entre atores, equipe técnica e figurantes.

O projeto foi aprovado pelo Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet e da Lei do Audiovisual, e a sua realização em nossa terra contribuirá não só para a geração de empregos e incremento ao turismo, como também para levar a cultura, as paisagens e a gente de Minas a outras partes do país e do mundo.

Assim, a Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais incentiva a todos aqueles que possam contribuir para a realização desse projeto a prestarem sua colaboração e seu apoio.

Octávio Elísio Alves de Brito
Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais

SINOPSE

1858. Um homem idoso, cabelos e barba brancos, bengala de junco tocando o calçamento irregular, caminha por ruas e ladeiras de Ouro Preto, então capital da Província de Minas Gerais. É Rodrigo José Ferreira Bretas, historiador e professor, e dedicado estudioso da História e das artes de sua cidade natal. Bretas vai visitar a parteira Joana Lopes, nora de Antônio Francisco Lisboa, de apelido "Aleijadinho". Viúva, reside num pequeno sítio nas cercanias da antiga Vila Rica de Albuquerque. O encontro com a parteira, uma mulher avançada em idade, de cor parda, a pele curtida de sol e cortada de profundas rugas. O historiador pede-lhe que fale de seu famoso sogro, falecido havia cerca de quarenta e quatro anos. Carrega um caderno, no qual vai anotando tudo o que Joana Lopes lhe revela, numa linguagem simples mas fluente, embora com algumas falhas de memória. O filme, na realidade uma cine-biografia alicerçada sobretudo em fatos reais, mas narrando alguns episódios ficcionais, se desenvolverá com a utilização de sucessivos *flash-backs* com narração em *off* dos dois citados personagens (Bretas e Joana Lopes). O ALEIJADINHO, portanto, tem o objetivo central de narrar, exaltando, a figura extraordinária de homem e de artista que foi Antônio Francisco Lisboa, nascido no dia 29 de agosto de 1738 no bairro de Bom Sucesso, freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, na antiga Vila Rica (alguns especialistas querem que tenha vindo ao mundo no ano de 1730, com o que não concorda o mestre Lúcio Costa, autor do texto escrito para o belo documentário sobre o Aleijadinho, de autoria do saudoso cineasta Joaquim Pedro de Andrade. Filho do insigne artífice e arquiteto português Manoel Francisco da Costa Lisboa, pedreiro, arrematante e construtor de igrejas, palácios, chafarizes e muitas obras civis, até hoje existentes e muito apreciadas na Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, Ouro Preto. Sua mãe, Isabel, tinha sido escrava, alforriada pelo mestre lusitano, o mesmo sucedendo com o filho bastardo, criado juntamente com os três filhos do mestre Manoel Francisco. Nossa

obra fílmica registrará sucintamente os anos de aprendizado do menino e depois adolescente Antônio Francisco com o próprio pai e mestre (este desde cedo impressionado com o talento precoce do jovem artista) e com dois notáveis mestres recém-chegados da Corte de Lisboa: João Gomes Batista, abridor de cunhos da Casa dos Contos (com quem aprendeu desenho artístico) e Francisco Xavier de Brito, célebre ornamentista, prestando serviços na igreja-Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Nosso personagem freqüentava as bibliotecas das ordens religiosas de Vila Rica, assim como a da casa do poeta inconfidente Cláudio Manoel da Costa, que muito admirava, e que via nele uma extraordinária vocação para a arte barroca. O filme incluirá igualmente seqüências da vida boêmia do moço Antônio Francisco (querem alguns historiadores que o artista tenha adquirido por essa época várias doenças venéreas, responsáveis em grande parte - segundo eles - pela estranha doença que alguns anos mais tarde desfiguraria seus dedos das mãos e dos pés, trazendo-lhe fortes dores) e de seu romance com uma bela jovem, Helena, por quem se apaixona e com quem passa a viver. Sucedem-se então o episódio da moléstia acabada de mencionar-se, o que não impediu o nosso personagem de continuar a produzir as suas notáveis obras, muitas delas reveladoras de intensa força interior e religiosidade. Trabalha com o auxílio de joelheiras e com instrumentos amarrados nos pulsos pelos ajudantes famosos, isto é, Maurício, Januário e Agostinho. Sintetizam-se em seguida as seqüências finais do filme: a fuga de Helena com um oficial das forças portuguesas de ocupação da verdadeira metrópole que se ia tornando Vila Rica; os contatos do então carinhosamente chamado "Aleijadinho" pela população da cidade, deslumbrada com as suas obras, com os conspiradores da futuramente denominada Inconfidência Mineira, liderados por Tiradentes; os trabalhos de risco, construção de altares, púlpitos, etc., em Sabará, São João del Rei, Caetés; a elaboração, com o auxílio dos ajudantes-artistas, dos 12 profetas de Congonhas do Campo e das 66 figuras em cedro dos Passos, com a colaboração posterior do notável pintor Manoel da Costa Ataíde; o reencontro com Helena na volta para Vila Rica; e os derradeiros dias do artista, então com cerca de 76 anos, quase cego, deitado, a seu pedido sobre as tábuas nuas do catre

instalado na casa de sua nora, Joana Lopes; e a sua morte, em meio a terríveis sofrimentos, no dia 18 de novembro de 1814. E fechando o filme-exaltação do maior artista plástico das 3 Américas: Ouro Preto dos nossos dias; sua gente, seus irreverentes estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, espalhados pelas "repúblicas" de exóticos nomes, os turistas de numerosas partes do mundo, atraídos pela fama das obras do Aleijadinho; a Cidade Eterna, Patrimônio Cultural da Humanidade; a sepultura do mestre inigualável, contígua e fronteira ao altar da Senhora da Boa Morte, na Matriz de Antônio Dias.

VILA RICA CINEMATOGRAFICA LTDA

O ALEIJADINHO

Roteiro de

Geraldo e Renato Santos Pereira

Redação final de

Renato Santos Pereira

Rio de Janeiro, 1998

"As duas grandes sombras de Ouro Preto, aquelas em que pensamos invencivelmente a cada volta de rua, são o Tiradentes e o Aleijadinho!"

"Entenda-se que o diminutivo de Aleijadinho é significativo da pura compaixão e meiguice brasileira. O homem a que ele se aplicou nada tinha de fraco nem pequeno. Era, em sua disformidade, formidável. Nem no físico, nem no moral, nem na arte, nenhum vestígio de tibieza sentimental. Toda a sua obra de arquiteto e escultor é de uma saúde, de uma robustez, de uma dignidade a que não atingiu nenhum outro artista plástico entre nós".

MANUEL BANDEIRA: *"Guia de Ouro Preto"*.

O ALEIJADINHO

SEQUÊNCIA ESPECIAL DE ABERTURA

O filme se abre com os primeiros créditos (produtoras e/ou patrocinadores). FADE. Surge em seguida a primeira imagem de uma obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Através de **fusões rápidas** vão aparecendo outros trabalhos do artista: figuras em madeira dos Passos e dos profetas de Congonhas do Campo (em pedra-sabão). Sobre essas imagens correm os créditos iniciais de O ALEIJADINHO. E, dominadora, **música incidental**, dramática, repleta de presságio, de autoria de Villa-Lobos, de mistura com música sacra de autores do barroco colonial de Minas e do Rio de Janeiro.

DEPOIS DO ÚLTIMO CARTÃO FADE LENTO

SEQUÊNCIA 1

EXTERIOR - (TOMADA DE HELICÓPTERO) - MADRUGADINHA

Ouro preto vista em *Extreme-long shot*, de helicóptero, o Pico do Itacolomi em P.P. Está amanhecendo.

SOM - Música de abertura não mais se ouvirá na trilha sonora. E logo será substituída pela explosão de uma CANTATA de Bach, de mistura com badaladas de sinos, longe.

CORTA DIRETO PARA

EXTERIOR - RUAS DE OURO PRETO - MANHÃ

DETALHES de pernas e de pés de homem de seus setenta e poucos anos, cabelos e barba brancos, vestindo roupas de época, caminhando por ruas e ladeiras de Ouro Preto. Estamos no ano de 1858, quando a Cidade-Patrimônio Cultural da Humanidade era a capital da Província de Minas, já no Segundo Império. Anda sem pressa, uma bengala de junco tocando as pedras e os paralelepípedos da pavimentação. É Rodrigo José Ferreira Bretas. CLOSES E PLANOS AMERICANOS E GERAIS do personagem em questão se alternam livremente. Em SOBREIMPRESSÃO surge na tela cartão com os dizeres OURO PRETO, CAPITAL DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS - 1858.

SOM - Ruídos de passos e de bengaladas nas pedras. Sinos tocando

Bretas cruza com poucos transeuntes. Trocam cumprimentos (todos o chamam de professor). Chega diante da grande escadaria da igreja do Carmo. Bretas pára e fica apreciando por instantes a fachada do templo, com portada de autoria do Aleijadinho. Recomeça a caminhada. Sai do campo pela esquerda.

CORTA PARA

PRAÇA DA IGREJA DE S. FRANCISCO DE ASSIS - MANHÃ

Agora o professor pode ser visto entrando pela **direita** e acabando de chegar defronte da igreja de São Francisco de Assis, obra prima da arquitetura religiosa barroca, com risco de Antônio Francisco Lisboa. Dirige o olhar cansado, mas deslumbrado, para o templo banhado pela luz incidente do sol matutino. Bretas tira o chapéu (é importante assinalar que o historiador e mestre escolar é por todos reconhecido como o primeiro biógrafo do mestre do barroco mineiro).

SOM - Vozes femininas e masculinas; sinos batendo próximo.

Segue-se uma série de **shots** seletivos (**ponto-de-vista** de Bretas) para revelar a portada monumental, com o medalhão, as torres arredondadas. Um padre passa por ele, cumprimenta-o e se encaminha para o interior do templo.

CORTA PARA

EXTERIOR - ESTRADINHA DE TERRA (OURO PRETO) - MANHÃ

O nosso personagem caminha agora por uma estradinha carroçável, vendo-se ao fundo a silhueta da cidade (lembrando sempre que o ano da ação é 1858). Um homem a cavalo passa por Bretas. Cumprimentam-se tocando nos chapéus.

SOM - Patas de cavalo. Cantos de pássaros.

CORTA PARA

EXTERIOR - ESTRADINHA E SÍTIO - MANHÃ

Bretas será agora enquadrado em P.P., com a câmara recuando (*dolly correndo nos trilhos* ou tomada com *steadycam*). UM CORTE de 180 graus permitirá se veja o nosso personagem caminhando na direção de um sítiozinho, em 2º plano visual (CÂMERA CORRIGIRÁ O FOCO para enquadrar a construção típica da época e um cercado com galinhas e porcos convivendo na santa paz de Deus).

SOM - Galos cantam, cães latem.

CORTA para Bretas acabando de chegar diante da porta do sítio. Bate palmas.

SOM - Palmas.

Há uma correção de ângulo para permitir se vejam o nosso professor diante da portinhola, que se abre, fazendo surgir uma velha, parda, cabelos brancos aparecendo, apesar de usar um pano branco, já sujo. Aparenta ter os seus oitenta anos, bem vividos. Pele curtida de sol, cortada de fortes rugas. É a parteira Joana Lopes, nora de Antônio Francisco Lisboa. Bretas tira o chapéu e diz (não se apertam as mãos):

BRETAS - Bom dia, dona Joana. Como passou?

JOANA LOPES - Como Deus é servido. Não quer entrar?

BRETAS - Mas antes quero me apresentar...

JOANA LOPES - Não necessita não siô. Vosmecê não é o professor Bretas, do colégio dos meninos?

BRETAS - Sou sim, dona Joana...

JOANA LOPES - Minha memória não anda nada boa, coisa da idade. . . Todo mundo conhece o siô aqui em Ouro Preto...

BRETAS - Muito obrigado. Gostaria de ter um dedo de prosa com a senhora, se não for incômodo...

JOANA LOPES - Só peço que não arrepare no desarranjo da casa. Vamos entrando.

Bretas entra. A porta é fechada, rangendo nos gonzos velhíssimos.

SOM - Ranger de gonzos.

CORTA PARA

INTERIOR - SALA DO SITIOZINHO - MANHÃ

Sala singela da pequena propriedade. Poucos móveis, de época, rústicos. Mesa de jantar bastante antiga, da época colonial, ladeada de bancos de madeira. Retratos de homens e mulheres, na sua maioria idosos, nas paredes apenas caiadas. Oratório bem típico das moradias de Minas, com a imagem de São Benedito. TRÊS TOMADAS para detalhar o descrito. E vamos sem mais delonga para um CLOSE das mãos da parteira Joana Lopes servindo café ao visitante. CORTE DIRETO para um PLANO AMERICANO de Bretas que pode ser visto sentado numa das extremidades da mesa apanhando a canequinha de latão de cor verde. Toma um rápido gole da bebida. Lá fora vacas mugem, galos cantam e cães assanhados latem as suas alegrias.

SOM - Como dito acima.

O nosso personagem um novo gole do café e deposita a canequinha sobre a mesa de refeições, bem em frente da dona da casa, vista sentada no outro banco, defronte do visitante. Joana Lopes coloca as mãos sobre os joelhos, os olhos fixos no visitante, expectante. Bretas inicia a sua fala, enquanto a câmera avança muito lentamente sobre o seu rosto.

BRETAS - Dona Joana, vem aqui pra lhe pedir que me fale de seu sogro, o finado mestre Antônio Francisco Lisboa, de apelido Aleijadinho. Sou um grande admirador de seus trabalhos, a maioria de poderosa religiosidade. Mas sei muito pouco sobre a sua vida, sua família, seus hábitos, seus amigos, essas coisas, e sobre a doença que sobre ele se abateu, trazendo-lhe terríveis sofrimentos...

A velha senhora se ajeita melhor no banco. Tem os olhos fixos no historiador mineiro, superintendente por vários anos do ensino público do Estado. Ficará claro para o espectador que a nora do Aleijadinho é uma mulher humilde, mas alfabetizada e bastante inteligente e lúcida, com aquela sabedoria da gente do interior brasileiro. O relato que fará a seguir significará a versão popular da vida intensa e dramática de Antônio Francisco Lisboa, enfatizando sua dedicação à igreja católica, os episódios da fase boêmia do artista, com a vida toda voltada para a busca de uma genuína visão artística de seu tempo.

Rodrigo Bretas, por sua vez, se~~pr~~ará a voz erudita, culta, com uma visão aguda da importância da obra daquele que é hoje considerado (sobretudo depois da publicação do indispensável livro do grande historiador de arte francês Germain Bazin sobre o Aleijadinho) um dos mais originais cultores do barroco universal. O diálogo dos dois personagens, na simplicidade da salinha do sítio ouro-pretano, irá preparar os vários **flashbacks**, que podem ou não contar com suas vozes interiores, o que somente acontecerá por absoluta necessidade para a compreensão e a inteligibilidade da trama cine-biográfica.

Naquela manhã de 1858, isolados no interior da propriedade humilde nas cercanias da então capital da província das Minas Gerais, pela primeira vez se procurará desvendar o milagre da obra admirável do artista mineiro e de uma vida tumultuada mas intensamente dramática e em muitos sentidos exemplar.

Eis como a parteira Joana Lopes inicia o seu relato, ouvido com enorme interesse pelo velho historiador (que anotava tudo o que ouvia num caderno que tirou do bolso do grosso paletó, e que lhe parecia de especial importância para o estudo, que faria publicar no mesmo ano de 1858 no "Correio Oficial de Minas", números 169 e 170, intitulado **"Traços Biographicos Relativos ao Finado Antônio Francisco Lisboa, Distincto Escultor Mineiro, Mais Conhecido pelo Appellido de Aleijadinho.**

JOANA LOPES - Meu sogro Antônio Francisco parece que nasceu mesmo no dia 20 de agosto de 1738 no bairro de Bom Sucesso, freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias...

BRETAS - Então o mestre Antônio Francisco nasceu no ano de 1738, e não em 1730, como se pensava. E menos de vinte anos da revolta de 1720, aqui mesmo, na então Vila Rica de Albuquerque, ocasião em que avultou a figura de um dos primeiros mártires da história do nosso país no período do domínio português. Me refiro a Felipe dos Santos que liderou, juntamente com Paschoal da Silva, um movimento contra a instalação das Casas de Fundição e a cobrança de doze arrobas por bateia em serviço, autorizada pelo governador, Conde de Assumar... Foi um trágico episódio esse, com o sacrifício do infeliz faiscador, Felipe dos Santos...

Neste ponto o nosso historiador faz o gesto de preparar um cigarro de palha, ao mesmo tempo em que dizia à sua anfitriã:

BRETAS - A senhora me dá licença de pitar o meu cigarrinho com o bom fumo de rolo preparado lá na fazenda de minha família?...

JOANA LOPES - Me importo não, seu Bretas. Eu mesmo já fumei muito os meus cigarros de palha...

BRETAS - Então quem sabe a senhora aceita um dos meus?...

JOANA LOPES - Muito agradecida, professor, eu parei há algum tempo de fumar... Me dava muito pigarro e acessos de tosse...

BRETAS -É, eu também tenho os meus acessos de tosse... Preciso deixar esse feio vício, que só faz mal à saúde...

CORTA PARA

Em PLANO GERAL vê-se agora um carro de boi conduzido por um caboclo bastante jovem e puxado por quatro bois passando pelas cercanias do sítio da nora do Aleijadinho. TRÊS FLASHES do veículo típico do interior de Minas, com o seu rangido característico, descrito de forma admirável pelo saudoso Humberto Mauro.

CORTA PARA

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - MANHÃ

A angulação do novo plano será a seguinte: CÂMERA baixa enquadrará a mesa diante da qual pode ser visto o casal de personagens. No centro do móvel rústico, quase em PP, uma terrina com laranjas. E em SEGUNDO PLANO VISUAL Bretas e Joana Lopes. Esta dirá ao nosso historiador:

JOANA LOPES - Quem sabe o siô não quer tomar mais um pouco de café?...

(E faz o gesto de apanhar a cafeteira, depositada sobre um descanso quadrado de madeira).

BRETAS - Agradeço a bondade, mas estou satisfeito, dona Joana. Mas voltando à revolta de 1720, aqui mesmo em Ouro Preto... A senhora me disse há pouco que o seu bisavô, que presenciou todo o episódio, contou várias vezes para a senhora ... menina ainda, não é?

CORTA PARA Joana Lopes, que faz um gesto de assentimento.

BRETAS (continuando) -...que o odioso Conde de Assumar, apesar de prometer solicitar à Coroa em Portugal a anulação das medidas econômicas, entre as quais a da constituição da Casa de Fundição, Cunhos e Moedas e a imposição das doze arrobas por bateia em serviço, mandou virem às pressas tropas do Rio de Janeiro, as quais, de forma inesperada, cercaram o arraial de Ouro Podre, onde residiam Paschoal da Silva

e Felipe dos Santos. A população de Ouro Podre fugiu espavorida, enquanto os soldados botaram fogo nos casebres. Daí o nome de Morro da Queimada, como é conhecido até hoje.

Há uma pausa, durante a qual Bretas dá umas tragadas em seu cigarrinho de palha (CLOSE dele).

CORTA PARA CLOSE de Joana Lopes, que se serve do café; depois comenta, tristonha:

JOANA LOPES - Me alembro que seu Libório, meu bisavô... bom faiscador... que tinha sido escravo do Paschoal da Silva ... contava que prenderam seu Paschoal e o Felipe dos Santos. Os dois foram julgados rapidamente e condenados à força. Seu Paschoal foi mandado para Lisboa; e seu Felipe enforcado aqui mesmo em Ouro Preto. O malvado do Conde deu ordem para que amarrassem o corpo do infeliz no rabo de um cavalo, que desembestou pelas ruas e ladeiras da cidade. Foi horrível! Uma maldade sem tamanho das autoridades portuguesas...

(ATENÇÃO - Toda a narrativa de Joana Lopes a respeito do trágico sacrifício de Felipe dos Santos será mostrada em SEQUÊNCIA ESPECIAL, em preto-e-branco, com VOZ OFF da velha parteira e MÚSICA DRAMÁTICA de Villa-Lobos. Serão TRAVELLINGS velozes, PANORÂMICAS e PRIMEIROS PLANOS do cavalo galopando sem rumo pelas artérias da cidade e arrastando o corpo (BONECO) mutilado do líder da revolta de 1720, com alternância de CLOSES de pessoas de ambos os sexos assistindo do alto das sacadas e atrás das janelas ao espetáculo dantesco).

SEQUÊNCIA 2

(Flashback nº 1)

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE MANOEL FRANCISCO LISBOA - NOITE

Em CORTE DIRETO de som e imagem vamos para um CLOSE do rosto de Isabel, uma mulher bonita e jovem, mãe de Antônio Francisco Lisboa. Ela emite um grito de dor, durante os procedimentos do parto.

SOM - Grito de dor.

Ao lado de Isabel uma parteira gorda, parda, enxuga o suor que escorre pelo

rosto da parturiente, cujas pernas estão abertas. A parteira, de nome Raimunda, em determinado instante muda de posição e vai se colocar diante de Isabel, cujo filho está pra nascer.

SOM - Novos gritos de Isabel.

A parteira, feliz, abre um aliviado sorriso e ajuda o filho de Isabel a nascer, enquanto diz, com veemência:

PARTEIRA - Faz força, Isabel! Mais força!

CÂMERA avança (**carrinho ou steadycam**) para enquadrar a ex-escrava do arquiteto Manoel Francisco Lisboa em PP, o ar feliz, apesar do sofrimento. Tem o rosto encharcado de suor. Em OFF ouvem-se as clássicas palmadas no bumbum do robusto bebê. Também em OFF ouve-se a parteira dizer, eufórica:

PARTEIRA - É macho, Isabel, sadio e bonito, parecido com ocê!

Depois a parteira se volta para a porta entreaberta e diz, alto:

PARTEIRA - Seu Manoel! Seu Manoel! Vem já! Rápida mudança de ângulo permitirá se veja um homem de seus cinquenta anos, alto, o rosto queimado do sol forte de Vila Rica, bigodão pra português nenhum botar defeito. Ele caminha apressado até o leito da ex-escrava (CÂMERA o acompanha). Isabel exhibe-lhe o filho acabado de nascer, feliz. Manoel Francisco Lisboa faz um agrado ao neném e toma a mão da concubina. Neste momento ouve-se a voz OFF de Rodrigo Bretas, enquanto o pai de Antônio Francisco, recém-nascido, conversa com Isabel e a parteira (conversa que obviamente não se ouvirá na trilha sonora):

BRETAS (VOZ OFF) - ... Então, dona Joana, Antônio Francisco nasceu de parto normal, e sua vinda alegrou muito o pai, o arquiteto e mestre canteiro Manoel Francisco Lisboa, não foi mesmo?

JOANA LOPES (também OFF) - Foi sim, professor, a parteira Raimunda foi quem fez o parto do meu futuro sogro, na noite de 29 de agosto de 1738, na casa do seu Manoel, no Bom Sucesso, conforme lhe contei. Eu era muito pequeninha, quando seu Manoel Francisco morreu, aqui mesmo em Ouro Preto. A mãe, o senhor deve saber, era escrava de seu Manoel e se chamava Isabel. Ele era muito bondoso, e alforriou ela e o filho, logo no nascimento, e sempre me disseram que ele tinha muito orgulho desse filho natural...

BRETAS (em OFF) - Manoel Francisco da Costa Lisboa, pai do Aleijadinho, era português, arquiteto, arrematante e mestre de obras reais, como o Palácio do Governo da antiga província das Minas Gerais,

chafarizes, pontes e muitas obras civis e religiosas que embelezam a nossa cidade e outras cidades da província...

CORTA PARA

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - MANHÃ

Estamos novamente na sala do sitiozinho de Joana Lopes, nas cercanias de Ouro Preto. O ano: 1858. O quadro pode ser descrito desta forma: PRIMEIRÍSSIMO PLANO (ou DETALHE) do caderno sobre a mesa rústica, diante do nosso professor Rodrigo José Ferreira Bretas. Ele faz alguma anotação, depois de virar uma página do caderno. CÂMERA recua lentamente para enquadrar o casal, enquanto o visitante vai falando:

BRETAS - Eu gostaria muito que a senhora me falasse o que sabe da vida, dos hábitos, do seu finado sogro, o mestre Antônio Francisco, mais tarde apelidado de Aleijadinho. Rogo à senhora que me fale dos primeiros anos de sua vida toda dedicada à sua arte, principalmente a escultura, em que se notabilizou...

A parteira faz um esforço de memória e começa a falar:

JOANA LOPES - Como já disse, minha memória não é lá essas coisas... Deixe ver... Me contaram que o menino era danado de espertinho, aprendia as coisas com muita facilidade...

CONTRA-CAMPO de Bretas, ouvindo e anotando. Joana estará dizendo, em OFF:

JOANA LOPES (OFF) -...Antônio Francisco era muito agarrado ao pai, e acompanhava ele onde quer que fosse a trabalho...

CORTA PARA um PP (CAMPO) de nossa personagem e narradora:

JOANA LOPES - Eu sei que seu Manoel não se fazia de rogado, ensinava o que sabia ao menino, que além de levado era muito inteligente, se dava com todo mundo... Estava sempre junto com um pretinho também danado de vivo, o Maurício, outro que seu Manoel alforriou, e que ajudava nas obras que ele fazia...

FUSÃO LENTA

SEQÜÊNCIA 3
(Flashback nº 2)

EXTERIOR E INTERIOR - VÁRIOS LOCAIS EM OURO PRETO - DIA

Esta nova seqüência será composta de diversos **shots**, de variada angulação, reveladores de intensa atividade na extração da esteatite, vulgarmente chamada de **pedra-sabão**, que abundava na região. Escravos vigiados por guardas das tropas formadas por portugueses e brasileiros sediadas na província de Minas Gerais carregam blocos da famosa pedra, com a qual o mestre canteiro Manoel da Costa Lisboa trabalharia durante toda a vida, o mesmo sucedendo com o filho Antônio Francisco (que alternava suas obras trabalhando com madeira, sobretudo cedro). Vê-se quando pai e filho, e mais Maurício, Felício e Januário, os três últimos inseparáveis amigos do nosso futuro grande escultor, chegam ao local, integrando-se imediatamente ao trabalho de extração, seleção e transporte do granito, colocado com cuidado, em blocos, nos carros de boi ou sobre plataformas de madeira amarradas nos numerosos burros de carga (**flashes** das operações).

SOM - Na trilha sonora apenas música incidental (Villa-Lobos).

Segue-se uma série de **planos-flashes**), ligados por **fusões rápidas**, para mostrar o mestre Manoel Francisco e seu filho Antônio Francisco, agora um menino de seus 12 anos, mais para baixo do que alto, espadaúdo, a cabeleira farta, o pescoço curto e grosso, além de eventualmente de Maurício, Felício, Januário e Agostinho (este último o mais velho do grupo) labutando nas obras empreitadas pelo mestre lusitano na Vila Rica em plena expansão artística e populacional. Esses **shots** de ambientação mostrarão preferencialmente o menino Antônio Francisco subindo e descendo andaimes das construções, ajudando a rebocar paredes externas e internas, ensaibrando, usando o buril ou cortando madeira com o formão e o serrote.

SOM - Como na série de tomadas precedentes, somente música de fundo, animada.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 4
(Flashback nº 3)

INTERIOR - SACRISTIA DE IGREJA DE VILA RICA - NOITE

DETALHE de grosso livro de gravuras bizantinas. CÂMERA RECUA para enquadrar um padre franciscano conversando com Antônio Francisco Lisboa, homem feito, apesar de não contar mais de 17, 18 anos. O sacerdote folheia o volume, sempre dando explicações (**texto a ser redigido futuramente**). Depois abre outro livro, um álbum, e exhibe uma de suas gravuras (trata-se da reprodução de uma obra de Michelângelo), enquanto continua a sua prédica. Mas sua voz não será ouvida, uma vez que a trilha sonora contará unicamente com música religiosa barroca, de autoria do maior compositor setecentista de Minas, Emérico Lobo de Mesquita.

SOM - Música religiosa, forte.

O franciscano apanha depois um exemplar da Bíblia (**insert**) e lê trechos do livro sagrado para o nosso personagem, visivelmente interessado. Antônio Francisco usa uma calça ordinária e camisa branca, de época, além de rudes calçados.

CORTA PARA

INTERIOR - GALERIA DE MINA DE OURO (MINA DA PASSAGEM, SITUADA ENTRE OURO PRETO E MARIANA) - DIA

Grande Plano Geral (naturalmente evitando-se detalhes modernos) de galerias da mina da Passagem. Numerosos escravos, vigiados por homens armados, trabalham na extração do metal, perseguindo filões e veeiros subterrâneos.

SOM - Ruídos ambientais.

EXTERIOR - BOCA DE MINA DE OURO - DIA

PP de Antônio Francisco desenhando na saída de uma mina em plena atividade. CLOSE do desenho feito com carvão numa folha de papel ordinário. Trata-se de uma série de esboços de escravos carregando blocos de minério até uma caçamba tracionada por burro. O nosso artista tem a fisionomia bastante triste, como se se desse conta da brutal exploração do trabalho escravo pelos colonizadores portugueses.

SOM - Música de cravo, triste, de cunho religioso.

CORTA PARA

INTERIOR - SALA DE ESTAR DA CASA DE MANOEL FRANCISCO
LISBOA - NOITE

O arquiteto e empreiteiro Manoel Francisco Lisboa será visto de início enquadrado em PP, lendo um livro. A seu lado sua mulher, Maria de São Pedro (uma matrona muito bem conservada), tricota. Entram na sala de estar da confortável residência o irmão de Manoel Francisco, acompanhado de um homem pouco mais velho que o nosso artista, Félix, estudante de um seminário, filho do arquiteto. Antônio Francisco carrega um rolo de papel com diversos esboços de desenho. Francisco (homem de seus trinta e cinco anos, alto e careca), cumprimenta o irmão e a cunhada e diz:

FRANCISCO - Ó Manoel, gostaria de tu visses uns desenhos do nosso Antônio Francisco. (Para o nosso artista): Mostra os teus desenhos para teu pai, ó rapaz.

CÂMERA recua com rapidez (steadycam) para enquadrar todos os presentes. Antônio Francisco, um tanto intimidado, deposita os desenhos sobre a mesa com uma lamparina acesa, ao lado do pai. E vai colocar-se ao lado da pequena mesa. Seu pai fecha o livro (Bíblia) e começa a apreciar os esboços, todos retratando escravos em pleno trabalho nas minas de ouro subterrâneas (CLOSES de alguns dos desenhos). Depois de algum tempo Manoel Francisco diz, todo voltado para o filho, sempre respeitoso, expectante:

MANOEL FRANCISCO - Estão bons, mas podem melhorar bastante. CLOSE do nosso arquiteto, que continua): Amanhã vou levar-te à casa do João Gomes Batista - já ouviste falar dele, não é? Trata-se de um mestre de desenho e ornamentação, para que aprendas com ele. João Gomes acaba de chegar do Rio de Janeiro, vindo de Lisboa, onde é muito conhecido e respeitado.

CLOSES do pai e do filho e DETALHES de alguns dos desenhos, que Manoel Francisco deposita na mesa, depois de apreciá-los com olhos críticos.

Há um CORTE para Maria de São Pedro, mulher de Manoel Francisco. Ela se levanta (CÂMERA segue-a em PAN.), depois de colocar o tricô sobre outra mesinha. Dirige-se ao marido:

MARIA DE SÃO PEDRO - Ó Manoel Francisco, vou me recolher. Tu não vens?

MANOEL FRANCISCO - Não vês, ó Maria, que estou ocupado, trocando idéias com o nosso artista? Não vou demorar, estou bastante cansado...

CORTA para Antônio Francisco, visto em P.P., diante do pai.

ANTÔNIO FRANCISCO - Devo então me retirar, pai?

CONTRA-PLANO de Manoel Francisco Lisboa.

MANOEL FRANCISCO - Não, fica, Antônio Francisco. Então me diga, tens te divertido com as negrinhas? Já achaste uma especial, só para ti? Não te acanhas, fala...

PLANO de A.F., que se acanha realmente, e nada responde, a cabeça baixa. Depois de um instante diz:

ANTÔNIO FRANCISCO - Meu pai, se não for incômodo, gostaria de perguntar ao senhor sobre umas dúvidas que vêm me apoquentando ultimamente...

Manoel Francisco percebe que os esboços estão ainda espalhados pela mesa. Faz um rolo deles, amarrando-os com uma fita qualquer, enquanto fala:

MANOEL FRANCISCO (enquadrado em P.P.) - Pois pergunta, Antônio Francisco, pergunta o que quiseres...

CÂMERA fecha em A.F.:

ANTÔNIO FRANCISCO - Hoje estive observando a Boca de Mina... quando fiz essas garatujas... Meu pai, por quê Portugal quer tanto ouro de nossa terra? E por quê chegam tantos escravos da África pra trabalhar nas minas daqui, de Sabará, Diamantina e de outros lugares de Minas Gerais?

CORTA para o arquiteto, que se levanta lentamente da poltrona e caminha também devagar até a janela da bela casa seiscentista e olha algum tempo para fora (CÂMERA panoramiza, enquadrando-o em Plano Americano. De lá mesmo começa a falar:

MANOEL FRANCISCO - Meu filho, tu sabes que Portugal descobriu e tomou posse das vastas terras de Santa Cruz, hoje chamadas de Brasil, graças à quantidade enorme de uma madeira de lei de nome "pau-brasil"...

M.F. se encaminha até onde está o filho, atento, visivelmente interessado no que diz o pai. Um está agora diante do outro. Manoel Francisco prossegue, o quadro sendo o seguinte: M.A. de frente, ligeiramente à esquerda, enquanto Antônio Francisco será visto à direita da tela, 3/4 de perfil:

MANOEL FRANCISCO - Portugal mantém colônias, que a Corte chama de "províncias ultramarinas", na Ásia e na África e desde 1500 nesta parte da América, quase toda dominada pelos colonizadores da

Espanha e da Inglaterra. No começo a corte lusitana... não sei se tu sabes que Portugal é também conhecido como Lusitânia... não deu muita importância à nova colônia... por certo nem atinava com a grande extensão de suas terras...Então os nativos, sobretudo os naturais da província de São Paulo, começaram a penetrar cada vez mais fundo no sertão do imenso território, que os navegadores da Escola de Sagres desdobriram há pouco mais de dois séculos e meio...

Neste ponto há um CORTE direto para o irmão de Manoel, Francisco, o qual dá entrada na sala, vindo da cozinha. Ele apanha uma cadeira de palhinha e vai sentar-se próximo do irmão (CÂMERA deixa esse personagem para tornar a focalizar, em P.P., Antônio Francisco, que se sentara defronte do pai. Ele diz:

ANTÔNIO FRANCISCO - Padre Jacinto me falou dos aventureiros paulistas, chamados de bandeirantes, de um Paes Leme, um Borba Gato, um Raposo Tavares...

Muito metódico, Manoel Francisco se levanta de novo e vai até uma ampla mesa de mogno (CÂMERA o segue, com precisa PANORÂMICA) e coloca uma bela fruteira com frutas variadas bem no centro do móvel. Volta-se então para o filho e em PRIMEIRÍSSIMO PLANO recomeça a falar:

MANOEL FRANCISCO - Vejo que tens curiosidade pela ações desses bandeirantes... uma gente muito valente, que se embrenhou pelo interior em busca de ouro e de pedras preciosas...Eles devassaram boa parte do imenso território descoberto por Cabral e seus companheiros navegadores...Vila Rica, Ribeirão do Carmo, Sabará-Açu e outras localidades da província que escolhi para viver com minha família surgiram da ação desses corajosos bandeirantes, verdadeiros pioneiros, e que estavam também dominados pelo objetivo de aprisionar índios para trabalhar nas promissoras lavouras espalhadas pelo rico território paulista.

(Durante essa fala haverá CORTES secos para os dois ouvintes, Antônio Francisco e Francisco da Costa Lisboa. Este último estará acendendo um típico cachimbo britânico).

MANOEL FRANCISCO - Durante essas entradas, ou bandeiras, descobriram imensas reservas de ouro e de pedras preciosas, principalmente no Vale do Tripuí. Isto despertou o interesse e a cobiça da Corte em Lisboa, fazendo El-Rei voltarsuas vistas para a nova colônia.

Neste ponto Manoel Francisco se encaminha novamente para a poltrona na qual estava instalado - CÂMERA o segue em PAN., mostrando também Antônio Francisco e Francisco).

MANOEL FRANCISCO (continuando) -... Para trabalhar nas minas recém-descobertas fez vir das colônias d'África, sobretudo de Angola e de Moçambique o braço escravo de que necessitava. Começou assim o tráfico de escravos, dessa pobre gente do continente negro. Sua própria mãe, nossa bondosa Isabel, veio de lá, muito nova ainda...

O arquiteto e construtor português, com muitos anos de Brasil, se cala e permanece alguns instantes pensativo, o ar triste, de que se aproveita o filho para dizer, igualmente pesaroso:

ANTÔNIO FRANCISCO (enquadrado em PP) - Sinto muita pena dessas pobres criaturas, todas filhas de Deus, nosso Salvador...

Agora é a vez de AF se levantar e caminhar até a janela dando para um morro vizinho, o rosto marcado pela tristeza, de mistura com indignação e revolta(CÂMERA o segue). Depois diz, tomado por genuína revolta:

ANTÔNIO FRANCISCO - Isto precisa acabar, meu pai! Que venha logo o fim desse tráfico vergonhoso de seres humanos de pele escura!

Manoel Francisco igualmente se levanta e vai colocar-se ao lado do filho (PAN. para acompanhar a sua caminhada). Volta-se por inteiro para AF, afa-ga-lhe a cabeça com vasta cabeleira anelada e lhe diz:

MANOEL FRANCISCO - É o que mais desejo, meu filho, é o que mais desejo nesta vida!

E se cala, surpreendido pelo arrebatamento do jovem artista, e tomando consciência, pela primeira vez, das inquietações humanitárias do filho. E também pela primeira vez pressentiu nele uma autêntica lucidez, provavelmente uma insuspeitada dignidade humana.

A SEQÜÊNCIA se fechará com pai e filho com os rostos voltados para fora, para o morro invadido pelas sombras do crepúsculo.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 5 (Flashback nº 4)

EXTERIOR - LADEIRA DE VILA RICA - NOITE

Vamos desta feita diretamente para uma ladeira do bairro de Antônio Dias. Por ela vem descendo Antônio Francisco. Alguns anos se passaram, e nosso personagem agora é um homem de seus vinte e poucos anos, assim descrito pelo historiador Rodrigo Bretas em seu já citado estudo pioneiro sobre o mestre do barroco mineiro: "Antônio Francisco era pardo escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o gênio agastado; a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabelo preto e anelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e o pescoço curto".

Antônio Francisco carrega um rolo de papel com desenhos. **Câmera instalada no steadycam** o acompanha em TRAVELLING-ATRÁS. Ele pára defronte de uma casa de um pavimento, de bom aspecto. Bate na porta. Um homem alto (João Gomes Batista, abridor de cunhos da Casa dos Contos, abre a porta. P.A. de ambos.

JOÃO GOMES BATISTA - Vamos entrar, jovem.

Vamos entrar. Vamos ver o que me trouxeste...

CORTA para um PLANO GERAL de ampla sala, na qual podem ser vistas diversas mesas (tabuleiros rústicos), diante das quais cinco homens (dois brancos, um negro e dois pardos, todos muito jovens) fazem esboços ou copiam gravuras de grossos alfarrábios. Antônio Francisco faz um gesto cordial para todos, que naturalmente se voltam para o recém-chegado. João Gomes (enquadrado em PLANO AMERICANO) apanha o rolo de desenhos que Antônio Francisco lhe estende e se encaminha até uma mesa numa das extremidades da sala (PAN. para acompanhá-lo). Senta-se. Antônio Francisco entra no quadro. O mestre lusitano lhe faz um gesto para que puxe uma cadeira (CÂMERA naturalmente corrige o quadro).

João Gomes Batista, focalizado agora em P.P., demonstra enorme interesse pelos esboços, que vai retirando do maço. Balança afirmativamente a cabeça (CLOSES de alguns dos desenhos). Antônio Francisco se debruça em certo momento sobre a mesa, tira um lápis-carvão do bolso e começa a retocar o rosto de um dos escravos. Trata-se de um negro sentado numa pedra, à beira de um riacho, o ar cansado. Há um CORTE para detalhar a sua mão, retocando o desenho.

INTERIOR E EXTERIOR - VÁRIOS LOCAIS DE VILA RICA - DIA

Na mesma sequência suceder-se-ão **shots** curtos, reveladores do aprendizado de Antônio Francisco Lisboa com João Gomes Batista e com Francisco Xavier de Brito, famoso ornamentista, que viera de Lisboa pouco antes de João Gomes. Na derradeira dessas tomadas serão vistos Antônio Francisco e Xavier de Brito diante de um dos altares da igreja do Pilar, trabalho do grande artista da talha. Ele mostra detalhes da obra, mas sua voz não será ouvida, já que a trilha sonora será ocupada por música de órgão (Lobo de Mesquita), forte, vinda do alto do coro.

SOM - Música barroca de órgão.

MÚSICA DE FUNDO decresce para permitir se ouçam as VOZES OFF de Bretas e de Joana Lopes.

JOANA LOPES (OFF) - ... Me contaram também que meu sogro aprendeu a desenhar e a fazer trabalhos em madeira e na pedrasabão com dois mestres vindos de Lisboa, e que se chamavam... deixe ver...

BRETAS (interrompendo, ao perceber a falta de memória da nora do Aleijadinho) - ... João Gomes Batista e Francisco Xavier de Brito, famoso ornamentista e mestre em talha...

JOANA - É isto mesmo, professor. Agradeço a sua ajuda... Sei que existem muitas obras desses dois artistas aqui em Ouro Preto...

BRETAS - E também no Rio de Janeiro, onde residiram...

Segue-se nova série de TOMADAS seletivas para mostrar Antônio Francisco acompanhado de seus inseparáveis companheiros, todos ex-escravos, Maurício, Januário e Agostinho, aprendendo a trabalhar como entalhador com Xavier de Brito, que exercia então o ofício de ornamentista na matriz de Nossa Senhora do Pilar.

SOM - Música religiosa, poderosa.

O mestre português corrige um ou outro detalhe do trabalho do discípulo, que ouve atentamente as suas explicações.

SEQÜÊNCIA 6 (Flashback nº 5)

EXTERIOR - MARGEM DE UM BONITO RIACHO - MANHÃ

Em GRANDE PLANO GERAL enquadra-se uma bonita região nas cercanias de Vila Rica, com um riacho correndo manso por entre pedras e uma ribanceira.

SOM - Na trilha sonora começam a ouvir-se falas e gritos de mulheres.

Logo surgem por vários caminhos mulheres de cor e mestiças com suas trouxas de roupas sobre as cabeças. São lavadeiras, que logo se distribuem por uma das margens do riacho e começam a lavar as peças de roupas que retiram das trouxas.

Há um CORTE SECO para Antônio Francisco e um amigo de aventuras amorosas, Felipe. São vistos sobre uma pequena colina, de onde apreciam a azáfama das lavadeiras. O primeiro tem a sua atenção atraída para uma mulata de grande beleza. Ela tem a vista voltada para o nosso jovem artista. Eles se fitam, se sorriem, enquanto na trilha sonora sobe música romântica de Villa-Lobos.

SOM - Melodia romântica de Heitor Villa-Lobos.

Três TOMADAS de aproximação, até CLOSE FECHADO tanto de AF como da bela mulata. O nosso artista joga um beijo para a lavadeira, que sorri, enquanto suas colegas fazem troça e dão gargalhadas discretas.

SOM - Música romântica.

FADE LENTO.

SEQÜÊNCIA 7

(Flashback nº 6)

EXTERIOR - PONTE DE PEDRA EM VILA RICA - NOITE

P.A. de Antônio Francisco e de Helena (este o nome da bonita lavadeira parda) caminhando por uma ponte de pedra, as mãos dadas. Vão até um belo chafariz, hoje conhecido como "chafariz de Marília". Helena toma com as mãos em concha a água que cai de um cano de ferro.

SOM - Ruídos de noite, só.

Há um CORTE SECO para o mesmo local onde AF viu Helena pela primeira vez, quando ela lavava roupa no riacho com as outras lavadeiras. Antônio Francisco e Helena entram no quadro pelo fundo. CÂMERA instalada em **steadycan** fixa o passeio do casal na noite inundada por um luar esplendoroso. AF estará dizendo, romântico:

ANTÔNIO FRANCISCO - Helena... desde que vi vosmecê lavando roupa naquele riachinho desdobrei o amor... Não pude mais tirar vosmecê da minha cabeça... Gostaria muito de fazer um desenho de vosmecê... se vosmecê deixar, claro...

AF para de caminhar, e toma o rosto de Helena nas mãos. CÂMERA detalha seus dedos acariciando o rosto da namorada. Logo beija-a na testa, nos olhos e na boca. E Helena se deixa abraçar e ser tocada por aqueles dedos feitos para criar beleza. Na trilha sonora irrompem acordes dramáticos, pressagos.

SOM - Acordes dramáticos.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 8 (Flashback nº 7)

INTERIOR - SACRISTIA DA IGREJA DO PILAR - DIA

Estamos na primeira metade dos anos sessenta do século dezoito. Antônio Francisco tem agora seus 27,28 anos. Cultiva sempre uma barba espessa e o cabelo é preto e anelado. No interior da matriz do Pilar, auxiliado por Maurício, Januário e Agostinho, Antônio Francisco está dando os derradeiros retoques no belo oratório de jacarandá. Maneja com grande habilidade o buril e os demais instrumentos com os quais vai dando forma às figuras do oratório (CLOSE das mãos trabalhando).

SOM - Ruídos dos instrumentos na madeira e acorde dramático quando do CLOSE.

Vamos em CORTE DIRETO para

SEQÜÊNCIA 9 (Flashback nº 8)

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA - NOITE

Antônio Francisco será visto desta feita dando entrada ruidosamente no quarto de sua casa, no bairro de Antônio Dias (PAN. para acompanhá-lo). Helena acaba de se meter sob as cobertas. Se assusta com a entrada barulhenta do

companheiro. O nosso artista senta-se na beira do leito, toma nos braços o corpo da amante e a abraça com vigor. P.M.CERRADO dos dois. Ela diz:

HELENA - Quê que houve, homem? Oê viu um passarinho?

P.P. de Antônio Francisco, que deixa que ela se ajeite no travesseiro e diz, eufórico:

ANTÔNIO FRANCISCO - Imagina, Helena, que estou vindo da reunião da Ordem Terceira Franciscana. Foi a ministra perpétua da Irmandade, dona Teresa Alvarenga... você conhece, não é... a mãe do doutor Cláudio Manoel da Costa... o poeta e grande advogado... Ela me deu a notícia da aprovação do meu risco para a futura capela de São Francisco de Assis. Não é maravilhoso, Helena?

A moça é toda alegria. Eles se abraçam com efusão (P.A. dos dois).

SOM - Sobe na **trilha sonora**
música alegre (Villa-Lobos).

Antônio Francisco a afasta um pouco e prossegue:

ANTÔNIO FRANCISCO - O arrematante da construção é o meu amigo Domingos Moreira de Oliveira, e o douramento e as pinturas foram cometidas a Manoel da Costa Ataíde, em quem tanto confio. Ele é realmente um grande pintor! Oh, Helena, como estou feliz! Amanhã bem cedo vou contar a boa nova ao meu bondoso pai. Sei que ele vai ficar muito feliz também...

(Enquanto ele fala, com justo contentamento, Helena vai sentar-se na beira do leito). Torna a abraçar o companheiro e diz, contentinha:

HELENA - Que bom, Antônio Francisco! Estou muito, muito feliz! Sei que esse era o maior sonho seu... Construir uma capela dedicada ao santo de sua devoção!

Pp.P. do nosso artista, que continua:

ANTÔNIO FRANCISCO - É verdade, tenho uma especial veneração pelo "povarello", a São Francisco de Assis... Com a aprovação do Concílio vou poder realizar a talha e a escultura no frontispício da capela, dois púlpitos, o chafariz da sacristia, as imagens das Três Pessoas da Santíssima Trindade e dos anjos no cimo do altar-mor, a figura do Cordeiro sobre o sacrário e toda a escultura do teto da capela-mor...(PAUSA). É trabalho para uma vida inteira, Helena!

HELENA (a princípio **fora do quadro**, mas logo em foco) - Tenho certeza, Antônio Francisco, que com teus conhecimentos, com tua fé, tudo vai ficar muito bonito!

P.A. de Antônio Francisco, que se põe de pé e começa a despir-se para deitar. E com o mesmo entusiasmo continua:

ANTÔNIO FRANCISCO - O Lucas Evangelista de Jesus... lembra-te dele, não é?... aquele que estava ao meu lado na festa do batizado do filho do Gouveia, vai fazer as portas de entrada e da sacristia de madeira apainelada, e o Manoel Gonçalves o tapavento...

Sempre eufórico AF se mete debaixo das cobertas. E voltando-se para Helena vai dizendo, enquanto a CÂMERA avança lentamente sobre o casal, até enquadrá-lo em PRIMEIRÍSSIMO PLANO:

ANTÔNIO FRANCISCO - Conversei muito com o doutor Cláudio Manoel da Costa e com dona Teresa Ribeiro de Alvarenga, que me honram com a sua confiança e amizade... Aquele grande poeta tem me apontado com inteligência os melhores caminhos para o meu trabalho. E nesses últimos dias tem me falado com entusiasmo do estilo barroco, preponderante na Espanha e em Portugal, e largamente seguido na Alemanha e em outros países da Europa. O doutor Cláudio me aconselhou a procurar um caminho próprio, brasileiro, para a obra que pretendo realizar...

(Neste ponto de sua fala AF estará focalizado em Pp.P., como dito mais acima).

ANTÔNIO FRANCISCO (continuando)... Ah, ia me esquecendo de dizer que o doutor Cláudio foi nomeado advogado da Ordem e sua mãe, dona Teresa de Alvarenga, ministra daquela Ordem.

SOM - Em toda a sequência música de fundo envolventemente romântica.

Helena vai aninhar-se no peito largo do amante, que se cala por alguns instantes, acariciando seus cabelos negros, os olhos sonhadores postos num ponto qualquer do teto.

CORTE SECO, DIRETO, para o leito com os dois amantes, a CÂMERA colocada num ponto alto (tomada em PLONGÉE). Antônio Francisco prossegue:

ANTÔNIO FRANCISCO - O doutor Cláudio falou do meu pai, que citou como exemplo para mim. Mesmo tendo nascido e estudado em Portugal, soube se adaptar às características da arquitetura e da ornamentação no Brasil. Lembro-me que, no meio da conversa, certa vez me disse: "Tire partido dos dados essenciais da escola lusitana e espanhola do barroco, mas procure realizar uma obra pessoal, duradoura, que reflita a época e a alma do nosso povo".

(Todo esse longo plano será feito com o emprego da lente ZOOM para permitir uma aproximação ALTO-BAIXO do casal na cama).

Percebendo que Helena está se deixando envolver pelo sono, ele diz:

ANTÔNIO FRANCISCO - Vejo que ocê está com sono. Hoje foi um dia muito movimentado para nós dois...Estou também muito cansado, morto de sono...

AF beija Helena no rosto e se volta para o seu canto.

SOM - Música decresce rapidamente de intensidade.

FUSÃO RÁPIDA

SEQÜÊNCIA 10 (Flashback nº 9)

EXTERIOR - LAGOA OU RIACHO - LAVAGEM DE CASCALHO - DIA

LONG-SHOT para descortinar uma multidão de mineradores (negros, mulatos e brancos, inclusive menores), todos seminus, no trabalho de lavagem de cascalho num lago ou riacho. Canoas e bolinetes são usados na lavagem do cascalho no meio do qual podem encontrar-se pepitas do ouro, meta de todos (FLASHES dos procedimentos descritos).

CORTA PARA P.P. de Antônio Francisco, parado, sobre um pequeno morro, na beira de uma estradinha, apreciando pesaroso o espetáculo inusitado.

SOM - Ruídos longínquos dos trabalhos de lavagem do cascalho

CORTA PARA

INTERIOR - CANTEIRO DE OBRAS DE IGREJA EM CONSTRUÇÃO -DIA

FLASHES de um grupo de pessoas (a maioria negros e mulatos trabalhando na construção daquela que seria a mais bela igreja barroca de todo o Brasil, a de São Francisco de Assis "obra-prime comemorativa" no dizer de Lúcio Costa, e que até hoje deslumbra milhares de visitantes vindos de várias partes do mundo

SOM - Novo trecho de música
de autoria de Villa-Lobos cresce
na **trilha sonora**.

Estamos nos primeiros anos da década de 70 do século 18, sempre na Vila Rica. Antônio Francisco tinha aproximadamente 35 anos. Os cabelos e a barba enbranqueceram prematuramente, mas ele age com excepcional vigor, como se estivesse pressa. Com o formão e os demais ferros trabalha com inexcedível perícia tanto a pedra-sabão como a madeira de lei, quase sempre o cedro e o jacarandá.

Com o **emprego de modernas técnicas de efeitos especiais eletrônicos e de maquetes** vemos desta feita a maravilhosa igreja de São Francisco de Assis ganhando forma, elevando-se no belo anfiteatro no qual hoje proliferam barracas e tabuleiros de venda de correntes, jóias baratas, anéis, etc.

E vamos para **tomadas** de um bom número de curiosos apreciando o templo dedicado ao "povarello" da Itália, com as obras bem adiantadas, e de algumas **maquetes (trucagens eletrônicas)**.

Complementando as imagens da seqüência, com uso inteligente de efeitos especiais eletrônicos, ouvir-se-ão na **trilha sonora, em 2º plano sonoro**, um trecho de um coral "capela", de autoria de Heitor Villa-Lobos, e a VOZ OFF do historiador Rodrigo Bretas:

BRETAS (OFF) — Efetivamente, seguindo rigorosamente os conselhos não só do poeta inconfidente Cláudio Manoel da Costa, assim como de seu pai e de outros artistas de Vila Rica, como o pintor Manoel da Costa Ataíde, Antônio Francisco se manteve fiel à inspiração de sua arte revolucionária, construindo um novo exemplar de arquitetura religiosa, em cujo interior a ornamentação era profusa, resplendente.

(Na tela se mostrarão, sempre com o **emprego de modernas técnicas de efeitos especiais**, as obras do interior e do exterior da igreja franciscana).

BRETAS (continuando) —... No exterior, na fachada, os frontispícios lembravam, absolutos, seu espírito, suas concepções e soluções, um surpreendente bom-gosto nos menores detalhes...(PAUSA CURTA) - Mas vejo que estou falando em excesso, cansando a senhora; e o que eu mais queria era ouvir a senhora me contar coisas de seu famoso sogro...

JOANA LOPES (VOZ OFF) - Não, não, o senhor nunca me cansa, pelo contrário. Gosto muito de ouvir o senhor me falar de meu saudoso sogro, que se foi há tanto tempo, me ensina tantas coisas de sua arte, que o senhor **aprezeia** tanto...

Na seqüência especial com o emprego de efeitos especiais vamos para o interior da sacristia do templo em adiantada construção. Vêem-se agora Antônio Francisco e seus ajudantes comendo de marmita, em silêncio (P.M. dos personagens e de parte do ambiente em obras).

SOM - Um tanto afastados, ruídos das obras no templo.

De repente a atenção do grupo é atraída para a entrada da sacristia. P.M. e PAN. para enquadrar Helena dando entrada na sacristia, o ar preocupado. Ela logo diz:

HELENA - Venha logo, Antônio Francisco, seu Manoel teve um ataque e está muito mal!

AF deposita a marmita no assoalho e se levanta, seguindo a companheira. OS DOIS SAEM DO QUADRO.

SOM - Cessam os ruídos, substituídos por acordes musicais com presságio.

CORTA PARA

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE MANOEL FRANCISCO LISBOA - DIA

Estamos no quarto de paredes brancas, de poucos móveis, iluminado apenas por um lampião de querosene, de um agonizante Manoel Francisco Lisboa. O arquiteto será visto (P.P.) deitado no leito largo, muito pálido. Cercam-no a segunda mulher, Antônio Maria de São Pedro, e suas duas filhas adolescentes, além do outro filho, o padre Félix, que reza uma oração fúnebre (P.M. do grupo, com ênfase para o moribundo).

SOM - Sussurros; oração fúnebre balbuciada.

De repente todos se voltam para a figura compungida de Antônio Francisco Lisboa, vestido como visto na sacristia, durante a folga para o lanche, dando entrada no quarto parcamente iluminado (PAN. para acompanhá-lo). O padre Félix se afasta um pouco do leito, para permitir que o nosso artista, e preferido do arquiteto, se aproxime do leito de morte do pai.

CLOSE de Manoel Francisco, que abre os olhos, como se pressentisse a presença do filho, e lhe estende uma das mãos.

P.A. de pai e filho. AF toma delicadamente a mão do arquiteto moribundo. Manoel Francisco faz um gesto para que AF se aproxime mais do travesseiro (CÂMERA CORRIGE O ENQUADRAMENTO). Manoel Francisco sussurra em seu ouvido:

MANOEL FRANCISCO (sussurando, com muito esforço) - Meu filho... ame esta terra...tão generosa...como eu amo... E cumpra... seu destino de artista...com fervor... e fé...e procure o seu caminho...próprio... até o coração de Nosso Senhor...

Manoel Francisco ainda tenta dizer alguma coisa, mas não consegue, exausto. Antônio Francisco se curva e beija a mão do pai. Padre Félix se aproxima mais da cama e faz o sinal da cruz na testa suada do pai (P.P. dos dois).

CORTA para um P.G. do quarto. E todos vêem que o velho arquiteto e mestre de obras reais acabava de deixar o mundo dos vivos.

SOM - Vozes baixas rezando.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 11 (Flashback nº 10)

EXTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - MANHÃ

PLANO GERAL do sitiozinho da parteira Joana Lopes.

SOM - Latidos se cantos de galos
na trilha sonora.

CORTA para

INTERIOR - SALA DO SÍTIO - MANHÃ

O quadro é o seguinte: Bretas está sentado no banco, diante da mesa larga. Diante dele a parteira Joana Lopes (P.A. do casal) lhe oferece um pedaço de bolo. Há uma cafeteira e dois cuités. Bretas come devagar o bolo, enquanto Joana enche os dois cuités de café. Ele fala:

BRETAS - Está uma delícia este bolo... Obrigado.

Depois ele se serve de café. E tira o caderninho do bolso, dizendo:

BRETAS - A senhora me falava que mestre Antônio Francisco fez várias viagens a Sabará...

P.P. da nossa parteira Joana Lopes. Ela bebe o café e diz:

JOANA LOPES - Segundo me contaram, ele fez muitas viagens a Sabará. Os padres da Ordem do Carmo de lá queriam que ele fizesse algumas obras de embelezamento na sua capela... Diziam que houve uma bralhada danada entre os irmãos da Ordem Terceira do Carmo da nossa cidade com os de Sabará...

CORTA PARA

EXTERIOR - ESTRADA DE TERRA PERTO DE SABARÁ - DIA

P.G. de Antônio Francisco e de seus três habituais ajudantes, todos montados, cavalgando nas proximidades da cidade de Sabará, vista ao fundo. Eles atingem uma velha ponte de pedra (PAN. para mostrar o grupo atravessando a ponte).

SOM - Ruídos de patas dos cavalos e música incidental. Logo volta a ouvir-se a VOZ OFF de Joana Lopes.

JOANA LOPES (OFF) - Os padres lá de Sabará queriam ficar independentes dos de Vila Rica e acabaram ganhando... Eles chamaram meu sogro pra trabalhar na capela do Carmo, de lá... que é muito bonita... o senhor conhece?

BRETAS (OFF) - Conheço sim. É uma belíssima igreja, na qual o mestre Antônio Francisco deixou a marca de seu gênio.

CORTA para Antônio Francisco e seus acompanhantes dando entrada na periferia da cidade de Sabará.

SOM - Música em 2º plano sonoro e VOZ OFF de Joana Lopes.

JOANA LOPES (OFF) - Meu sogro ficou muito abalado com a morte do pai, seu Manoel Francisco. Ele era muito conhecido e respeitado não só na Vila Rica como em Sabará e em outras cidades de Minas. A viagem a Sabará chegou na hora certa... Me disseram que ele foi muito bem recebido lá.

CORTA PARA

PLANOS GERAIS e outros da pequena caravana dando entrada na então próspera cidade de Sabará. O grupo tem uma surpresa: muitos de seus habitantes vêm saudar o famoso escultor em sua chegada à cidade, onde

permaneceria uns quatro ou cinco anos, com pequenas interrupções. Em certo trecho uma menina parda se adianta e oferece flores ao ilustre escultor de Vila Rica.

O grupo pára (P.M dos quatro cavaleiros e da garotinha). Antônio Francisco desce de sua montaria para receber as flores. Recebe desajeitadamente as flores e beija a menina, em agradecimento. Populares gritam o seu nome: "Mestre Antônio Francisco." "Mestre Antônio Francisco!"

SOM - Ruídos de patas dos cavalos e vozerio, que logo decrescem para que se ouça novamente a voz de Joana.

Há um CORTE DIRETO para o interior da igreja do Carmo de Sabará. Uma CÂMERA ágil fará desfilar na tela alguns dos mais importantes trabalhos do mestre do barroco brasileiro, enquanto na **trilha sonora** ouvir-se-ão as vozes OFF do casal de narradores.

JOANA LOPES (OFF) - Meu sogro passou vários anos, uns quatro mais ou menos, lá em Sabará, mas voltou algumas vezes a Ouro Preto, isto é, à antiga Vila Rica, sua terra natal. Deixou muitas obras na igreja de Nossa Senhora do Carmo, só que não me alembro mais...

BRETAS (OFF) - Antônio Francisco deixou vários recibos, guardados até hoje pela ordem carmelita de Sabará, como o risco do frontispício, com a caprichosa portada, as imagens de São Simão Stock e São João da Cruz, os baixos-relevos em pedra-sabão dos dois púlpitos; riscou também e colaborou na execução do coro com os atlantes e as colunas que os sustentam, as grades da nave e as portas principais. E já sentindo os primeiros sintomas da doença que se abateu sobre ele, contou em Sabará com a colaboração de outros insígnies artistas, como o entalhador Francisco Vieira Serva e Joaquim Gonçalves da Rocha, responsável pelas apreciadas pinturas dos forros da capela-mor e da nave.

Essas palavras em OFF do nosso historiador cobrirão as tomadas das obras enumeradas, enquanto na **trilha sonora** se ouvirão trechos de músicas de autores barrocos mineiros, descobertas pelo musicólogo Curt Lange, de nacionalidade uruguaia.

SOM - Música sacra em 2º plano sonoro.

FUSÃO RÁPIDA

EXTERIOR - RUA ESTREITA DE SABARÁ - NOITE

Estamos ainda em Sabará: em PLANO GERAL enquadraremos uma ruazinha inundada pela luz da lua. Diante de uma casa simples, de um pavimento, um grupo de negros e mulatos, escravos e alforriados, vindos para homenagear àquele que sofria com a exploração do braço escravo e lutava a seu modo pela sua abolição, dançavam e cantavam melodias que aprenderam quando meninos na África ou que neles se fixaram como herança dos pais ou amigos de suas nações tribais.

Vamos em CORTE DIRETO, SECO, para um P.A. do nosso artista numa das janelas da casa onde morou durante sua estada na cidade de Sabará, tendo ao lado seu ajudante mais velho, Agostinho, apreciando com real interesse a festa da Irmandade dos Pretos de Sabará. Maurício está do lado de fora, na calçada (P.P. dele), e enlaça a cintura de uma bela jovem de cor.

SOM - Sons de atabaques, pandeiros e outros instrumentos típicos africanos. Cânticos de escravos.

FUSÃO RÁPIDA

INTERIOR - IGREJA DO CARMO - SABARÁ - DIA

Instalados num andaime vêm-se AF, Maurício, Januário e Agostinho efetuando trabalhos de talha num dos altares do templo carmelita. FLASHES para registrar diversas fases das obras.

SOM - Ruídos das obras no interior da igreja, com eco.

INTERIOR E EXTERIOR - LOCAIS DIVERSOS DE SABARÁ - DIA

Vamos para uma série de FLASHES SELETIVOS, numa sucessão de FUSÕES CURTAS, para mostrar o mesmo grupo dando os derradeiros arremates na portada do templo carmelita ou acabando de fixar a última extensão da grade da capela-mor. Antônio Francisco pode ser visto olhando com grande atenção para a folha de papel com o risco da grade estendido no degrau de um dos altares. Fixada a base do belo gradil, já envernizado, mostramos o nosso artista deixando o interior da capela, enquanto diz para Maurício, a seu lado (steadycam para acompanhá-los em sua caminhada até a porta do templo)

ANTÔNIO FRANCISCO - Maurício, sinto muitas saudades da Helena e da minha casa. Amanhã volto pra lá, com o Agostinho. Ando muito cansado. Quero que me consigas uma carroça para a viagem. E não se esqueça do colchão e dos cobertores, ando sentindo muito frio. Você e Januário ficam em Sabará pra acabar o serviço... falta pouco. Vou deixar com os dois os desenhos dos púlpitos.

SOM - Ruídos das obras no templo e música religiosa de fundo.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 12 (Flashback nº 11)

INTERIOR - CASA DE FUNDIÇÃO DE VILA RICA - DIA

FLASHES, com PLANOS de diversas grossuras, de máquinas manuais, operadas por escravos vigiados por guardas fortemente armados, fundindo e cunhando ouro. Estamos na casa de fundição de Vila Rica

SOM - Ruídos de máquinas operando. Logo cresce na trilha sonora música de fundo, dramática.

Um homem vestido com certo apuro chega diante de uma grande mesa, ocupada por três homens de nacionalidade portuguesa em mangas de camisa. Têm diante de si balanças para pesar o precioso metal.. O recém-chegado abre um saco de pano e exhibe o ouro para o encarregado de cobrar o "quinto". Este toma o ouro em pepitas e as coloca na balança. Faz um cálculo numa caderneta e separa uma pequena quantidade do metal, que devolve ao minerador.

SOM - Música de fundo.

CORTA PARA

EXTERIOR - RUA DA CASA DE FUNDIÇÃO DE VILA RICA - DIA

PLANOS GERAIS e FLASHES serão empregados nesta SUB-SEQUÊNCIA. Uma tropa a cavalo e bem armada cerca uma carruagem da época. Homens brancos, acompanhados de soldados da guarda colonial, carregam caixas com quilos e quilos de ouro, logo embarcadas no veículo puxado por duas parelhas de animais. Um oficial, findo o trabalho de carregamento do veículo militar, dá ordem de partida ao cocheiro:

OFICIAL PORTUGUÊS - Pode partir, Ambrósio!

A viatura arranca. Os soldados da guarda de proteção se movimentam à frente e por trás da carruagem.

SOM - Ruídos de carro e soldados a cavalo partindo.

Sobre essas imagens volta a ouvir-se a VOZ de Joana Lopes:

JOANA LOPES (off) - Me contaram que o ouro estava acabando, mas os portugueses cobravam sempre o "quinto" dos mineradores e mandavam pra Lisboa. O povo ia ficando cada vez mais pobre, e eles cada vez mais ricos...

BRETAS (OFF) - E seu sogro, dona Joana? Como vivia? Pagavam direitinho pelos serviços que fazia?

CORTA PARA

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

Estamos de volta à atualidade (vale dizer, 1858, em Vila Rica). PRIMEIRO PLANO da parteira, em sua cadeira de palhinha. Ela responde:

JOANA LOPES - Que nada, professor! Trabalhava demais e ganhava uma miséria. Meu sogro trabalhou muitos anos recebendo somente meia oitava de ouro por dia...

CORTA PARA um P.P. de Bretas anotando o que ouvia em seu caderno depositado na mesinha do lado, enquanto Joana vai falando:

JOANA LOPES (a princípio OFF) - A situação dos empreiteiros e arrematantes era pior ainda...

CLOSE da sitiante, que continua:

JOANA LOPES - Mestre Antônio Francisco me contou uma vez que o entalhador Vicente Alves Costa, viajando a serviço da Ordem dos Carmelitas, escreveu pra ele pedindo pra mandar cem mil réis, pois estava sem dinheiro nenhum e sem dinheiro não podia fazer nada...

BRETAS (OFF) - Que absurdo!

JOANA LOPES - Aquela mesma Ordem de Sabará... deixa ver... por volta de 1804, quando meu sogro andava pelos setenta anos... por aí... não quis pagar pra ele uma oitava por dia de serviço. E a fama dele já era muito grande em toda Minas Gerais, e até fora dela!

Há uma pausa, enquanto o nosso historiador, enquadrado em P.P., fazia anotações no caderninho.

Joana Lopes diz, **fora do quadro**:

JOANA LOPES (OFF) - Não quer dar uma paradinha pra se servir de café com pãozinhos de queijo, professor?

CORTA para o exterior. O tempo está mudando, ameaçando chuva.

SOM - Na **trilha sonora** ouvem-se trovões, longe.

CORTA para o interior do sítio., para um P.M. de Joana Lopes se encaminhando para a mesa, na qual se vêem um bule, cuités e uma cesta com pães de queijo. Bretas a segue (PAN. ou STEADYCAM para enquadrá-los), dizendo:

BRETAS - Parece que vai chover mesmo... Mas quem pode resistir a um convite desses?

CORTA PARA uma **tomada** em PLANO GERAL do sítio e das redondezas. Uma boa chuarada desaba.

SOM - Ruídos de chuva; trovões.
Bois magem perto.

NOVO CORTE para o interior da propriedade. Pode agora ver-se em P.A. o casal diante da mesa, tomando café e comendo pãozinhos de queijo. Depois de alguns instantes Joana Lopes volta a falar:

JOANA LOPES - Não faça cerimônia, professor... Coma quantos pãozinhos quiser...

BRETAS - Obrigado, dona Joana. Há muito tempo não como uns pãozinhos tão gostosos... Mas eu gostaria que a senhora me dissesse alguma coisa do relacionamento de seu sogro com os seus ajudantes... Joana Lopes apanha os dois cuités e os coloca na bandeja com o bule. E logo recomeça a sua fala:

JOANA LOPES (vista em P.P.) - Meu sogro era um mão aberta, professor... Dividia todo o dinheiro que ganhava, meio a meio, com seus ajudantes, o Maurício, o Agostinho e o Januário. Foi sempre assim, um mão aberta... Mas às vezes ele ficava muito zangado, e chegou a bater num desses ajudantes, creio que no Januário... mas não tenho certeza não, mas parece que foi preciso mesmo.

(Nesta altura CÂMERA começa a avançar lentamente sobre o rosto de nossa personagem).

JOANA LOPES (continuando, sem interrupção) - Mas depois ele se arrependia e pedia perdão. E ele sempre se entristecia com a situação de penúria do povo de Vila Rica, o sofrimento dos escravos, que não paravam de vir da África...

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 13 (Flashback nº 12)

INTERIOR - BIBLIOTECA DE CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - NOITE

Vamos em CORTE SECO para um P.P. de Antônio Francisco tomando um gole de licor. CÂMERA abre o ângulo para mostrar o poeta Cláudio Manoel da Costa sentado numa confortável poltrona de palhinha, ao lado do sofá onde está sentado o nosso escultor.

O dono da casa coloca a jarra sobre uma mesinha próxima, enquanto diz para o visitante:

CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - Outra tarde Tomaz Antônio Gonzaga e eu...O nosso poeta é um grande admirador de sua arte...Nós dois estivemos em visita à capela em construção e dedicada a São Francisco de Assis.

CORTA PARA UM CLOSE do futuro malogrado inconfidente.

CLÁUDIO (continuando) - Que linda obra está ficando o templo que reverenciará o santo "povarelllo"! Vimos, com real prazer, que vosmecê tomou muitas liberdades, livrando-se dos ferrenhos cânones do barroco ibérico.

CORTA PARA P.P. de AF. ouvindo com real interesse o que lhe diz o seu grande amigo e conselheiro.

CLÁUDIO (OFF) - Isto ficou patente em alguns detalhes do interior e do exterior do templo, como as torres que perdem o quadrado pela curva e a cobertura de telha pelo ápice de pedra com a pirâmide gótica...

Outro P.P. do autor de "Vila Rica", que prossegue:

CLÁUDIO - As colunas jônicas também foram modificadas, como, da mesma forma, a talha e escultura praticadas no frontispício da capela, os dois púlpitos, o chafariz ainda não terminado da sacristia, a escultura alusiva à ressurreição de Cristo, que se vê na urna do altar-mor...

Cláudio Manoel da Costa se cala por alguns instantes, enquanto toma um gole do licor. Fixa o olhar percuciente, mas cheio de respeito e admiração, sobre a figura de Antônio Francisco Lisboa. E continua:

CLÁUDIO - Vimos em todos os detalhes do templo, que por certo vai se transformar num dos mais belos exemplares da arte barroca em todo o nosso amado país, a marca de um artista original, criador de uma arte genuína, diria até caracteristicamente mineira. Mas, mestre Antônio Francisco, não é minha intenção deixá-lo constrangido, e nem pretendo ferir a sua suscetibilidade...

PRIMEIRÍSSIMO PLANO de AF, que escutava o dono da casa de cabeça baixa, como intimidade. E só então volta a falar, com certa emoção na voz:

ANTÔNIO FRANCISCO - Agradeço sensibilizado suas generosas palavras, doutor Cláudio Manoel. Mas gostaria de ouvir sua opinião sobre meu projeto de colocar uma espécie de medalhão circular sobre a porta principal, para mostrar São Francisco recebendo as chagas de Monte Alverne...

PP. do poeta, que diz, com entusiasmo na voz:

CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - Excelente! Excelente! Assim fica definitivamente estampada a sua, que é também a minha, devoção ao santo de Assis. Parabéns, mestre Antônio Francisco, pela soberba idéia!

Cláudio Manoel da Costa se levanta, enquanto diz:

CLÁUDIO - Vosmecê agora vai me dar licença, pois tenho de sair para uma reunião com amigos. Mas fique à vontade, mestre Antônio Francisco.

O poeta se volta para um dos lados da sala-biblioteca.

PONTO-DE-VISTA dele. Está dando entrada no aposento a mãe do poeta, dona Teresa Alvarenga.

CLÁUDIO (a princípio OFF)- Ah, mamãe, que bom que tendes vindo! Assim podereis fazer companhia ao mestre Antônio Francisco, pois eu estava justamente de saída...

Dona Teresa chega diante do nosso artista, que se levanta e aperta a sua mão.

DONA TERESA (P.A.) - Sei que vosmecê gosta muito de folhear os volumes de arte renascentista e barroca que estão naquela estante ali. Não quer vir comigo a fim de escolher alguns deles? Uma nova angulação de CÂMERA permitirá se veja o casal caminhando até uma das numerosas estantes coladas nas paredes da vasta biblioteca.

FUSÃO RÁPIDA

EXTERIOR E INTERIOR - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

Série de FLASHES seletivos para revelar toda a beleza da igreja de São Francisco de Assis, como pode ser vista hoje. O objetivo é o de mostrar a genialidade de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, autor do risco, e que concebeu toda a ornamentação desse que é unanimemente apontado como o mais belo exemplar da arte sacra do período colonial em nosso país. A série de TOMADAS se encerrará com planos filmicos do medalhão encimando a portada do templo, com ênfase para os principais elementos da obra, perenizada na pedra-sabão.

SOM - Música solene, de grande expressividade, de Villa-Lobos.

Durante toda a sequência de FLASHES do interior e exterior da igreja será novamente ouvida a VOZ OFF de Rodrigo Bretas, de mistura com fundo musical, naturalmente em segundo plano sonoro.

BRETAS (OFF) - Se a senhora me permitir, dona Joana, gostaria de dizer alguma coisa sobre o que considero a obra-prima de seu sogro, isto é, a igreja de São Francisco de Assis, aqui de Ouro Preto. Os serviços executados por Antônio Francisco Lisboa nessa igreja estão divididos em dois períodos distintos, conforme estudos e pesquisas que venho fazendo nos últimos anos. No primeiro período os trabalhos da frente e dos púlpitos e do lavabo da sacristia; e no segundo os de talha em cedro, em toda a capela-mor.

JOANA (Interrompendo (OFF) - O cedro era a madeira que ele preferia, e também o jacarandá...

BRETAS (OFF) - ... É isso mesmo, dona Joana. Outra coisa: Joaquim José da Silva, segundo vereador de Mariana, redigiu em 1790 uma monografia... um trabalho escrito ... destinado à apreciação de Sua Magestade, em Lisboa, e na qual faz um relato erudito sobre a arte religiosa do

século 18 em Minas. Nela ele se refere a seu sogro, o mestre Antônio Francisco Lisboa da seguinte maneira... deixa eu achar nos meus apontamentos... aqui está... "Superior a tudo e singular nas esculturas de pedra em todo o vulto ou meio revelado e no debuxo e ornatos irregulares do melhor gosto francês é o sobredito Antônio Francisco".

(Essas palavras em OFF do nosso historiador naturalmente cobrirão boa parte da SEQUÊNCIA de FLASHES, de parceria com música imponente de Heitor Villa-Lobos).

FUSÃO

SEQUÊNCIA 14

(Flashback nº 13)

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA - NOITE

A última imagem da série de FLASHES para detalhar o medalhão sobre a portada de São Francisco de Assis, e que mostra o "povarello" recebendo as chagas, se mesclará com o rosto de um bebê de um ano e pouco. CÂMERA recua em TRAVELLING para mostrar Antônio Francisco apanhando a criança do sexo masculino no berço. Ele se volta para a companheira, Helena (os dois serão enquadrados em P.A.):

ANTÔNIO FRANCISCO - Está lindo o nosso filho, heim Helena? Mas penso que está mamando demasiado, não acha?

HELENA - Que culpa tenho eu se os meus peitos têm tanto leite pra dar e o Manoelzinho tanta fome?

Antônio Francisco apenas sorri (P.P.) e torna a colocar o bebê no berço. Depois tenta tocar nos seios de Helena. Mas ela recua, rindo com vontade.

SOM - Música alegre.

Antônio Francisco diz então, como despedida (ambos focalizados em P.A.):

ANTÔNIO FRANCISCO - As beberagens que a Isabel me preparou fizeram efeito em meu organismo. Sinto-me bem melhor hoje. (PAUSA) Bem, vou voltar pro trabalho. Ah, e leve a marmita mais tarde hoje. Lá pelas duas e meia.

Beija Helena e o neném e sai. CORTA PARA

SEQUÊNCIA 15

(Flashback nº 14)

INTERIOR - SACRISTIA DA IGREJA DE S.FRANCISCO DE ASSIS - DIA

DETALHE de um buril modelando a figura de um frade franciscano com os olhos vendados, os braços sustentando um pergaminho com inscrições latinas, para o alto-relevo do lavabo da sacristia do templo dedicado a São Francisco de Assis.

SOM - Acordes dramáticos.

Antônio Francisco, sentado numa banquetta, lavra, delineia, desgasta as mãos, os dedos do religioso em pedra-sabão (CLOSE). Com o cinzel, o formão e a marreta o mestre escultor dá forma e imprime a sua marca inconfundível na matéria bruta.

SOM - Música dramática domina a trilha sonora.

De repente uma dor imensa obriga Antônio Francisco a emitir forte gemido,

SOM - Gemido agudo, que a sonorização ampliará como grito de dor, com eco.

CORTA PARA

INTERIOR - SÍTIO DA PARTEIRA JOANA LOPES - MANHÃ

Vamos em CORTE SECO para a sala do sítio da nora de Antônio Francisco Lisboa. À sua frente o nosso historiador, o caderno aberto sobre a mesa, a caneta firme na mão. Joana Lopes está dizendo:

JOANA LOPES - Foi o Maurício que me contou como começou a doença e o sofrimento do meu sogro. Mestre Antônio Francisco sentiu uma dor insuportável nos dedos da mão direita e soltou um gemido que assustou os outros ajudantes que estavam trabalhando sob as ordens dele na sacristia da capela de São Francisco.

SOM - Música forte, dramática, de Villa-Lobos.

CORTA PARA continuação do FLASHBACK Nº 17.

INTERIOR - SACRISTIA - DIA

CLOSE de Antônio Francisco, que dobra o corpo ante a dor intensa. A marreta tomba pesadamente no chão. Um rito doloroso se instala em seu rosto. Em P.A. Maurício entra no quadro e se abaixa para indagar a seu mestre.

MAURÍCIO - Quê que houve, mestre Antônio Francisco?

P.M. do grupo, com ênfase naturalmente para AF. Ainda com as feições revelando grande dor, ele responde, exibindo as mãos:

ANTÔNIO FRANCISCO - Não sei... foi uma dor medonha... nos dedos... das duas mãos... e até nos pés!... Minha Nossa Senhora, protegi-me!

Há um CLOSE de Agostinho, que discretamente faz o sinal da cruz.

SOM - Continua música dramática.

O nosso artista tenta levantar-se, mas não consegue se por de pé. Maurício e Januário, além de Agostinho, vêm em seu socorro e o amparam, ajudando-o a caminhar até a saída da sacristia (CÂMERA acompanha o grupo em P.M. e PAN).

CORTA PARA os três ajudantes carregando Antônio Francisco nas proximidades de sua casa (steadycam) Há um CORTE para uma das residências vizinhas para permitir se veja um casal de velhos chegando à janela e olhando surpreso para a cena inusitada.

SOM - Sempre música dramática.

CORTA PARA

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

PLANO largo do grupo dando entrada no interior da casa do nosso artista. AF tenta andar até o seu quarto, apoiando-se nos calcanhares. Helena aparece, bastante assustada. Um dos ajudantes abre espaço para que ela ajude AF a atingir o seu quarto. Ele indaga, revelando grande preocupação:

HELENA - Meu Deus, mas o quê que houve, Antônio Francisco?

P.A. de AF e de Helena dando entrada no quarto (PAN. e TRAV.). Ele nada responde, limitando-se a fitar a companheira com os olhos cheios de sofrimento.

P.M. de todo o grupo. Dois dos ajudantes do nosso escultor ajudam Helena a colocá-lo na cama. Ela então diz:

HELENA - Vocês agora podem sair... Eu cuido dele... Ela sai do quadro. Os três deixam o aposento, depois de lançar olhares compungidos para o mestre.

CÂMERA enquadrará por fim o leito largo. PAN. mostrará Helena voltando para o quarto com um pedaço de pano molhado, com o qual enxuga o suor de AF, profundamente prostrado, a dor abrindo-lhe sulcos no rosto muito pálido. AF fecha os olhos e diz, debilmente:

ANTÔNIO FRANCISCO - Me deixa descansar. É só o que quero...

SOM - Música dramática em toda a seqüência.

CORTA PARA

SEQÜÊNCIA 16 (Flashback nº 15)

EXTERIOR E INTERIOR -LOCAIS DIVERSOS DE VILA RICA - DIA

Série de FLASHES para captar as reações de diferentes pessoas diante da notícia do mal que acometera o grande escultor, a saber:

- Populares diante da casa do artista tecendo comentários em voz baixa e fitando a residência do nosso escultor, ornamentista e arquiteto;

- Duas beatas sussurrando no interior de uma igreja:

BEATA 1 - Ouvi falar que o mestre Antônio Francisco não consegue nem mexer os dedos...

BEATA 2 - Chii, coitado, como é que ele vai fazer as suas imagens tão bonitas?...

- Interior de um botequim. Dois homens tomam a sua cachacinha. Um diz para o outro:

POPULAR 1 - Ocê já soube da doença do mestre Antônio Francisco? Estão dizendo que ele apanhou a doença no bordel...

POPULAR 2 - É, pode ser... Ele freqüentava muito as casas das putas...

- Sala de visitas de uma residência burguesa. Dois homens de idade, médicos ambos, serão enquadrados sentados num sofá característico da época; cercados por umas três ou quatro pessoas de ambos os sexos, todas bem vestidas, eles estão comentando:

MÉDICO 1 - Acho muito estranho, doutor Felisberto! O mal que acometeu o mestre Antônio Francisco Lisboa foge de todos os sintomas conhecidos...

MÉDICO 2 - Dizem, mas podem ser as más línguas, que ele abusava da cardina, uma beberagem preparada com corações macerados dos cervos...

MÉDICO 1 - Nosso grande escultor, como toda a cidade sabe, foi um grande boêmio, mantendo relações sexuais com todo tipo de mulheres, principalmente prostitutas, negras ou mestiças. Não seria a sífilis a moléstia que o atacou?

MÉDICO 2 - Não acredito nessa versão, doutor Baeta. Acho que o mestre Antônio Francisco sofre de um mal epidêmico, chamado zamparina, que já grassou nesta região há muitos anos atrás, e cujos resíduos, quando o doente não falece, provocam deformidades e paralisias. Provavelmente se complicou o humor gálico com o escurbútico no infeliz...

A série de SHOTS prossegue com o diálogo entre Cláudio Manoel da Costa e Tomaz Antônio Gonzaga na biblioteca do primeiro, já mostrada, presente também dona Teresa Alvarenga, mãe do poeta (P.M. dos três).

CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - Soubeste naturalmente da esquisita doença que atacou o nosso grande artista Antônio Francisco Lisboa...

GONZAGA (P.P.) - Sim, soube. E fui informado também que o mal que o aflige duramente se chama encefalite letárgica, uma febre de caráter meligno, capaz de provocar paralisias cruéis, horríveis deformidades...

CLOSE de dona Teresa Alvarenga, que diz:

DONA TERESA ALVARENGA - O doutor Esmeraldino me contou que pode ser lepra nervosa... E dizem também que pode ser a tal de "zamparina", escorbuto, endêmico como o beriberi, febres tifóides ou terças malignas... Ninguém sabe ao certo... Pobre amigo!...

P.M. do grupo. CÂMERA, instalada em steadycam, avança lentamente sobre a figura do poeta de "Vila Rica", Cláudio Manoel da Costa, enquanto diz:

CLÁUDIO - Que terrível desgraça, e que grande infelicidade para todos, que tanto admiramos esse admirável toreuta! São sintomas assustadores, esses que se abateram sobre o mestre Antônio Francisco! Possivelmente não conseguirá mais trabalhar, e isto seria uma perda irreparável para as artes plásticas não só de nossa cidade como de toda a província!

CORTA PARA

INTERIOR - QUARTO DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

Um PLANO MÉDIO mostrará a cama de casal sobre a qual jaz o nosso artista, os olhos abertos, acompanhando os gestos dos dois médicos mostrados anteriormente, e agora vistos lado a lado, examinando o paciente. Um deles apanha uma das mãos do artista, tentando abrir seus dedos, que se mostram rijos, como se fossem de pedra, exceção dos polegares e dos indicadores. Antônio Francisco solta um gemido fraco. O médico diz para o colega:

MÉDICO 1 - As falanges parece que adquiriram rigidez pétrea...

MÉDICO 2 (depois de examinar um dos pés do paciente) -- Vê-se perfeitamente que os dedos, tanto das mãos como dos pés, começam a deformar-se...

MÉDICO 1 - Mas não há nenhuma sintomologia de lepra, ou do escorbuto ou de qualquer moléstia degenerativa...

Há um CORTE para AF escutando com grande preocupação e tristeza os comentários dos médicos.

SOM - Música triste em toda a seqüência.

Sobre o CLOSE de Antônio Francisco ouve-se a voz OFF de um dos médicos:

MÉDICO 2 (OFF) - É fácil perceber, Baeta, que a moléstia, desconhecida para mim...

P.P. dos dois, frente a frente. O MÉDICO 2 prossegue:

MÉDICO 2 - atingiu o auricular, o anular e o médio, estendendo-se à eminência tenar...

Em PLANO MÉDIO enquadram-se agora AF em seu leito e os dois médicos, que agora se afastam um pouco da cama e trocam impressões em voz baixa. Antônio Francisco enfim toma a palavra, de forma débil, e com desânimo na voz diz:

ANTÔNIO FRANCISCO - Quer dizer que não é possível saber a causa das dores e do endurecimento dos meus dedos? E meu ofício, doutor? Como é que eu vou poder trabalhar, esculpir na pedra, no duro lenho? Tenho tantos serviços já contratados, e com prazo de entrega estipulado...

SOM - Sobe mús. a dramática.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 17

(Flashback nº 16)

A série de SHOTS, em forma de retorno no tempo e no espaço, que a seguir se mostrará, terá por objetivo fundamental destacar a magnífica conformação moral do homem e do artista Antônio Francisco Lisboa diante da adversidade, e que a partir da terrível moléstia passou a ser conhecido pelo carinhoso diminutivo de "Aleijadinho". A grandeza de sua figura, naqueles momentos trágicos de sua vida, adquire o majestoso relevo que o tornaria a maior figura artística daquele século em nosso país.

EXTERIOR - ADRO DA IGREJA DE SÃO MIGUEL E ALMAS - DIA

Na tela será mostrada agora o nosso artista chegando à igreja de São Miguel e Almas; vem montado num burrinho, puxado por Januário. Agostinho e Maurício o ajudam a desmontar e o carregam até um andaime rente à fachada do templo. Antônio Francisco, demonstrando bastante agilidade, caminha sobre joelheiras de couro e sobe até o alto do andaime, seguido por Maurício, que logo apanha os ferros e os amarra nas duas mãos, com os dedos atrofiados, do nosso escultor. O Aleijadinho, como será chamado daqui pra frente, começa a trabalhar na portada.

SOM - Música pungente (V.Lobos).

CORTA PARA

PLANO MÉDIO de um grupo de curiosos, que, ao verem no alto do andaime o famoso escultor, param diante do templo e ficam apreciando o seu trabalho. Antônio Francisco (P.P.) se volta para os curiosos e lhes diz, zangado:

ANTÔNIO FRANCISCO - Vosmecês não têm o que fazer não? Vão s'imbora! E deixem de vagabundagem!
Seguem-se alguns FLASHES de AF trabalhando na portada da capela (SHOTS curtos, elucidativos).

Na **trilha sonora** ouvir-se-ão em seguida as vozes dos nossos dois NARRADORES, Bretas e Joana Lopes, naturalmente em OFF, de mistura com MÚSICA pungente de Villa-Lobos, que então cai de intensidade:

BRETAS (OFF) - Mesmo com os dedos atrofiados mestre Antônio Francisco não parou de trabalhar, não foi, dona Joana?

JOANA LOPES (OFF) - Nunca parou, professor, a não ser quando caía muito doente... Ele inventou umas joelheiras que um dos ajudantes enfiava pelos pés até os joelhos dele... Assim ele podia andar, mesmo com muito sacrifício...

BRETAS - (OFF) - E para esculpir as suas esculturas e as suas imagens... como é que o Aleijadinho... o mestre Antônio Francisco... fazia, a senhora pode me dizer?

Enquadramos agora Maurício ajeitando os instrumentos numa das mãos do mestre, enquanto volta a ouvir-se a VOZ OFF da parteira Joana Lopes:

JOANA LOPES (OFF) - Eles tinham que amarrar umas ataduras de couro e os ferros nas mãos dele para que pudesse trabalhar... coitado... E Deus ajudou ainda o meu sogro, que podia mover os polegares e os indicadores, facilitando um pouco o seu trabalho...

Durante essa fala se verá na tela um CLOSE da mão direita do Aleijadinho com as ataduras de couro e os ferros em pleno trabalho.

SOM - Música pungente.

CORTA PARA

EXTERIOR - RUA DA CASA E OFICINA DO ALEIJADINHO - NOITE

PLANO GERAL e PAN para mostrar um bangüê (espécie de padiola de conduzir doente e também para transportar material de construção, adaptado com cobertura de couro para conduzir o nosso artista da casa para o trabalho e vice-versa) chegando diante da residência de Af. Januário e Agostinho, que carregavam o veículo de transporte improvisado, depositam o bangüê no chão e carregam o seu mestre até a soleira da porta, que será logo aberta pela escrava Isabel, empregada da casa. O Aleijadinho entra na casa arrastando-se pelas joelheiras com bastante agilidade.

SOM - Música triste (V. Lobos).

CORTA PARA

EXTERIOR - RUA DA CASA DO ALEIJADINHO - MADRUGADINHA

Um PLANO GERAL da rua com a casa do Aleijadinho, o dia amanhecendo preguiçosamente. Vindo do fundo surgem Januário e Maurício, o segundo puxando o burrinho usado para transportar o artista. Januário bate na porta da casa de seu mestre. Em breve aparece AF, enquadrado em P.A. Traz um chapelão preto na cabeça, que praticamente tapa o seu rosto já bastante desfigurado, e um grosso casaco, que lhe cai até os pés.

SOM - Batidas leves na porta;
galos cantam, próximos.

O Aleijadinho é colocado pelos ajudantes sobre o animal, pacientemente à espera (PLANO MÉDIO para enquadrar os três personagens). Para que o artista não caia do burrinho um dos ajudantes amarra seus pés por baixo da montaria. Januário começa a puxar o animal pelo cabresto.

SOM - Galos anunciam com disposição o novo dia.

Vamos sem mais delonga para um PLANO AMERICANO do Aleijadinho montado no burrinho, a caminho do trabalho.

CORTA PARA

EXTERIOR - RUAS E LADEIRAS DE VILA RICA - AMANHECER

SHOTS curtos, seletivos, mostrarão AF montado, a caminho do trabalho, o burrinho puxado por Januário, enquanto Maurício caminha ao lado, bem perto da montaria. Na trilha sonora volta a ouvir-se a VOZ OFF de Joana Lopes, com música muito triste em 2º plano sonoro.

SOM - Fundo musical envolventemente triste, de grande pungência.

JOANA LOPES (OFF) - Não consigo me esquecer do feio aspecto do meu sogro, algum tempo depois do início da doença... Tinha as pálpebras inflamadas... muitos dentes caíram... a boca entortou... o olhar do infeliz tinha quase sempre uma expressão sinistra... Muita gente levava um grande susto quando via de repente o mestre Antônio Francisco... Coitado do meu sogro!... Mas nada abatia a sua disposição para o trabalho... Era como se ele soubesse que tinha pouco tempo de vida pela frente...

CORTA PARA

EXTERIOR - ESTRADINHA CARROÇÁVEL - AMANHECER

Vamos agora para uma estradinha vicinal, para um EXTREME LONG-SHOT. Amanhece nas montanhas incendiadas apresentando uma enorme bola de fogo.

SOM - Música neutra, mas poderosa, de Villa-Lobos.

CORTE SECO para um P.M. de uma carroça puxada por um cavalo baio. O veículo possui uma capota improvisada de couro. Um P.A. para que se veja o seu interior, com o Aleijadinho sentado num almofadão, tendo ao lado o seu fiel Agostinho, o mais velho dos auxiliares. E na boléia Maurício e Januário.

SOM - Música orquestral neutra, mas expressiva, de Villa-Lobos.

TRAVELLING LATERAL (CÂMERA possivelmente colocada numa camionete) para acompanhar a marcha da carruagem improvisada, bastante precária. O condutor (Maurício) de quando em quando grita para o animal:

MAURÍCIO - Eia carrapicho! Vamo, diabo!

E passa a emitir sons característicos que obrigam os animais de transporte a andarem mais depressa.

SOM - Sons vocais em meio a ruídos da carroça. Música em BG.

Instalada no interior do veículo primitivo CÂMERA enquadrará o mestre Antônio Francisco dizendo ao companheiro de viagem (Agostinho):

ALEIJADINHO - Me passa a marmita, Agostinho.

O ajudante apanha um embrulho ao lado e o passa ao mestre. O Aleijadinho tira uma colher do bolso do casacão e começa a comer. CLOSE para permitir possa ser visto, não com total nitidez, o seu rosto bastante deformado.

SOM - Acordes dramáticos.

CORTA PARA

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

DETALHE da mão de Bretas escrevendo no caderno. Um CORTE SECO mostrará em P.A. o casal diante da mesa larga. O nosso historiador estará dizendo:

BRETAS - Pelo que a senhora me disse Antônio Francisco não parou nunca de fazer as suas obras, como se quisesse derrotar a terrível moléstia. A senhora sabe me dizer se o seu sogro continuou a atender os chamados de outras localidades, de outras ordens religiosas?

JOANA LOPES - Ele só parava de trabalhar quando

estava doente. Seu corpo estava ficando muito debilitado, coitado.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 18

(Flashback nº 17)

INTERIOR - SALA DE JANTAR E COZINHA DA CASA DE ANTÔNIO
FRANCISCO LISBOA - NOITE

Enquadra-se em P.A. a companheira de Antônio Francisco, Helena, lavando louça na cozinha com fogão a lenha.

SOM - Toques de sino, perto.

CORTA PARA a pequena sala de jantar, próxima. O Aleijadinho, enquadrado também em P.A., deixa a mesa, depois de alimentar-se, e toma o rumo da cozinha (PAN. para mostrar a sua caminhada).

CORTA diretamente para a cozinha. Helena será vista de costas, diante do fogão a lenha, apanhando uma panela qualquer (enquadramento em PLANO MÉDIO). Antônio Francisco entra no quadro pelo fundo, caminhando sobre as joelheiras, e a agarra pela cintura com as mãos com os dedos atrofiados enfiados nas rudes luvas de couro cru. Helena leva um grandes susto e solta um grito de espanto.

SOM - Ruídos ambientais e grito de espanto de Helena.

CLOSE de Helena, que fita AF com medo, de mistura com asco. Assim permanecerá um bom tempo, como se estivesse hipnotizada, as mãos tapando a boca. Vamos para um CLOSE do Aleijadinho, que tudo entende. Fita Helena com profunda tristeza.

CORTA para um P.M. dos dois, imóveis, fitando-se em silêncio.

SOM - Sino batendo, afastado.

Antônio Francisco dá uma meia-volta e sai da cozinha caminhando com o auxílio das joelheiras (steadycam recuará para segui-lo).

E um último CLOSE de Helena, que tapa com as mãos o rosto e começa a soluçar baixinho.

SOM - Soluço. Sino longínquo tocando tristemente.

CORTA PARA

INTERIOR -QUARTO DE DORMIR DA CASA DE AF - NOITE

PLANO GERAL do quarto de dormir da casa de Antonio Francisco. Um lampião com luz de querosene fraca está ainda aceso numa mesinha próxima. O Aleijadinho pode ser visto já deitado e puxando as cobertas até o peito. Tem as mãos escondidas. Helena entra no aposento já vestida, pronta para sair. Ela fala:

HELENA - Antônio Francisco, mamãe não está passando bem e me pediu pra dormir com ela esta noite. O leite e o café estão prontos. A Isabel tá lá no quatinho dela. Ela fez pãezinhos de queijo, que ocê tanto gosta. Boa noite.

Ela sai (PAN. para segui-la). Há um CORTE SECO para AF deitado, enquadrado em PRIMEIRÍSSIMO PLANO, acompanhando com imensa tristeza a partida da companheira e mãe de seu único filho.

SOM - Música de grande melancolia, de autoria de Villa-Lobos.

FUSÃO LENTA

SEQÜÊNCIA 19

(Flashback nº 18)

INTERIOR - OFICINA NOS FUNDOS DA CASA DE AF - NOITE

LONG-SHOT do telheiro, nos fundos da casa do Aleijadinho, onde funciona a oficina onde realiza grande parte de suas encomendas de escultura. Por todos os lados blocos de pedra-sabão, troncos de madeira, mesas rústicas, etc. O nosso artista está só, diante de uma larga mesa repleta de cartelas de desenhos (CLOSES de alguns deles, inclusive de rostos de homens, mulheres e crianças e do Cristo).

P.A. do Aleijadinho acabando de desenhar com carvão um esboço para um altar (DETALHE de suas mãos, sem as luvas, com o polegar e o indicador prendendo fortemente o carvão).

SOM - Música triste

De repente o artista volta a vista para a entrada da oficina ao ouvir o ruído de porta se abrindo.

SOM - Ruído off de porta se abrindo.

PONTO-DE-VISTA do Aleijadinho: seu único filho, Manoel, um menino baixo e forte, de seus quatro anos, não mais, e muito esquivo, se assusta ao ver o pai. Pára logo na entrada. AF (fora do quadro) fala para o filho:

ALEIJADINHO (OFF) - Vem cá, Manoel. Vem ver os desenhos que o teu pai fez...

O menino se aproxima intimidado da mesa com os esboços de desenhos e outros apetrechos.

CORTA para um P.A. do menino diante da larga mesa, com o pai ao fundo. Antônio Francisco, depois de calçar as luvas de couro, estica os braços, apanha o menino, já mais confiante, e o põe no colo, enquanto diz, exibindo-lhe alguns dos desenhos (CÂMERA naturalmente corrige o enquadramento):

ALEIJADINHO - Qual deles tu gostas mais, meu filho? Anda, pode dizer... É desse?... (e apontando) Ou daquele?... O garoto (CLOSE) fica alguns instantes olhando ora para a figura deformada do pai, ora para os esboços. Depois aponta para uma das cartelas e sem nada dizer pula do colo do pai e sai correndo na direção da saída (PAN. para seguir a sua fuga).

Vamos então para a figura patética do Aleijadinho, acompanhando com profunda tristeza e decepção a partida inesperada de Manoel e compreendendo que o menino estava dominado por um irresistível medo daquele homem que o gerou e que não sabia amar.

SOM - Música cresce de intensidade com a fuga do menino

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 20

(Flashback nº 19)

EXTERIOR - RUELA DE OURO PRETO (CASA DO ALEIJADINHO) - NOITE

Uma neblina espessa envolve a cidade de Vila Rica. Evitando fazer barulho e chamar atenção, um vulto caminha na direção da casa do Aleijadinho. P.M. dele, a câmera no **steadycam**) É o tenente José Romão. Usa um chapelão e um grosso capote preto. Dá um assobio curto diante de uma ds janelas da residência do nosso artista. Passados alguns segundos a janela se abre, não totalmente, permitindo se veja Helena vestindo um camisolão da época. Ela diz, num sussurro:

HELENA - Vosmecê é doido! Antônio Francisco pode chegar a qualquer momento!...

FUSÃO RÁPIDA

EXTERIOR - CERCANIAS DE VILA RICA - NOITE

Noite escura, com forte neblina. Um vulto de mulher caminha com precaução, evitando ser reconhecida, na direção de uma pequena casa na beira de uma estradinha de terra.

SOM - Música com presságio.

É Helena, que traz um pano escuro envolvendo sua cabeça. Bate de leve na porta, depois de olhar temerosa para os lados. José Romão aparece, desta feita sem o chapelão e o capote. Helena entra.

SOM - Música cessa abruptamente

CORTA PARA

INTERIOR - CASEBRE - NOITE

José Romão, de camisa aberta, tenta abraçar a companheira do Aleijadinho (P.A. do casal). Ela reluta, mas acaba se deixando abraçar com ardor pelo tenente lusitano. E se beijam, como em desespero. E ele a toma nos braços e a carrega até uma cama típica de vilão, muito comum no interior de Minas. E começa a despi-la enquanto diz, com paixão:

JOSÉ ROMÃO - Tu sabes que eu te quero desde muito, minha cabrocha querida! Mulher dos meus sonhos! ... dos meus desejos.

CORTA PARA

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

O Aleijadinho é agora enquadrado (P.A.) em sua cama larga, os olhos empapuçados bem abertos, voltados para a porta de entrada do quarto. Pela janela uma pálida claridade começa a invadir o aposento simples, de poucos móveis.

SOM - Cantos de galo. Vento forte silvando.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 21

(Flashback nº 20)

INTERIOR - GABINETE DO GOVERNADOR - DIA

PLANO AMERICANO do governador D. Bernardo de Lorena e do ajudante de ordens, José Romão, o primeiro sentado, diante da mesa larga, de trabalho, e o segundo de pé, em posição de sentido. O governador-geral lhe passa uma folha de papel manuscrita, enquanto diz, secamente:

DOM BERNARDO - Aqui está a ordem de sua transferência para o Rio de Janeiro. A caleche sai amanhã bem cedo. Embarque nela. Pode se retirar.
José Romão bate continência, faz meia-volta e começa a retirar-se.

INTERIOR - CHROUPANA NAS CERCANIAS DA CIDADE - NOITE

Interior da choupana já vista quando do primeiro encontro amoroso do tenente José Romão e Helena. A tomada se abre com um PLANO MÉDIO do quarto de dormir, com a cama de viúvo no fundo. O mesmo casal será visto deitado, ambos despídos da cintura para cima (um lençol cobrirá suas partes íntimas). O oficial português logo dirá (CÂMERA avança em TRAV.-AVANTE para enquadrá-lo em P.P., tendo Helena à sua DIREITA):

JOSÉ ROMÃO - Está tudo acertado, Helena, não há nada a temer. O sargento e o cocheiro da caleche são de confiança, e já estão avisados. Tudo correrá bem, vais ver. Não te esqueças, tu vais apanhar a condução na curva do Calombo, não te esqueça. Estejas lá antes das seis da manhã, é muito importante não te atrasares.

HELENA - Não me atrasarei. Fique tranqüilo.

José Romão passa então a acariciar os seus seios (CLOSE), novamente dominado pelo desejo. Helena diz, tristonha:

HELENA - Sinto muita pena do Antônio Francisco, coitado!... Mas não suporto mais ver o que aquela doença medonha fez dele... Não merecia aquilo...

P.P. de José Romão, que se vira na cama para ver a amante melhor; e depois diz::

JOSÉ ROMÃO - Tu sabes bem que o Aleijadinho só vive para as suas estátuas, as suas imagens de santos, os seus altares... Não pensa em mais nada. (TOM) - Não tenhas cuidados, vais ser muito feliz no Rio de Janeiro... A cidade é muito bonita... tem lindas praias, onde poderás te banhar quando quiseres...

P.P. de Helena.

HELENA - Sei que é uma loucura o que estou fazendo, mas não tinha outro jeito... E fico mais sossegada porque sei que a mamãe, que gosta muito do netinho, vai tomar conta do Manoelzinho até as coisas se arranjam...

Há um CORTE para um P.A. do casal no momento em que José Romão monta no corpo da bela mulher. Os dois se abraçam, ela com desespero, ele lascivo.

SOM - Durante toda a sequência música ao mesmo tempo triste e romântica (uma das lindas Bachianas de Villa-Lobos).

CORTA PARA

INTERIOR - CASA DE MANOEL DA COSTA ATAÍDE - NOITE

Estamos agora na sala de jantar da casa de Manoel da Costa Ataíde, insigne pintor, responsável pela pintura do teto da nave principal da igreja de São Francisco de Assis e de outros templos de Vila Rica e de outras cidades mineiras, e que em breve colaboraria com o Aleijadinho dando cores às 66 figuras de madeira, e em tamanho natural, dos Passos de Congonhas do Campo, que muitos estudiosos do barroco brasileiro apontam como a sua obra prima na área da torcética.

Enquadra-se a mulhe do pintor pardo dando entrada na sala (PAN para acompanhar a sua caminhada); ela carrega uma terrina de sopa (uma suculenta canja à maneira de Minas), e vai colocá-la diante do Aleijadinho, sentado à mesa, tendo à frente o notável pintor. AF (P.A. dele) apanha com alguma

difficuldade a colher, usando os dois únicos dedos não deformados pela moléstia. Toma uma ou duas colheradas da sopa. E diz para o amigo e colaborador:

ALEIJADINHO - Está ficando muito bonita a tua pintura da abóboda. Tua decisão de retratar a Virgem e os anjos como mestiços tem a minha total aprovação.

CORTA PARA

INTERIOR - NAVE CENTRAL DA IGREJA DE S.FRANCISCO DE ASSIS - DIA

Tomadas seletivas da abóboda do belo exemplar de arquitetura religiosa pintada por Ataíde. Na **trilha sonora** ouve-se a VOZ OFF do Aleijadinho:

ALEIJADINHO (OFF) - Mas tu e eu sabemos perfeitamente que vai provocar falatórios e protestos das pessoas preconceituosas da cidade e dos visitantes..

CORTA PARA

INTERIOR - CASA DE ATAÍDE - NOITE

Estamos novamente na sala de jantar da casa de Manoel da Costa Ataíde. Ele estará dizendo (P.A. dos três à mesa: Ataíde, a mulher e o Aleijadinho. O pintor estará dizendo:

ATAÍDE - A Virgem Maria, Mãe de Deus, não é também a mãe dos negros e dos mestiços? Por quê não retratá-la como uma mestiça?

Antônio Francisco sorri, compreensivo.

SOM - Na **trilha sonora** ouve-se apenas dobrar de sinos, longe

CORTA PARA

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ATAÍDE - NOITE

Maurício e Januario aguardam ao lado do bangüê a saída do mestre. Antônio Francisco surge à porta, na companhia do famoso pintor e de sua mulher. Os dois se despedem.

ALEIJADINHO (P.A.) - para a mulher do pintor, também no quadro) - Estava saboroso o seu jantar, dona Juracy...

Ela apenas sorri, agradecida. Há uma PANORÂMICA para a ESQUERDA, a fim de enquadrar o pintor Manoel da Costa Ataíde. Este diz:

ATAÍDE - Apareça sempre, Antônio Francisco. Nós nos veremos amanhã na capela. Boa noite.

ALEIJADINHO - Boa noite. Foi uma noite muito agradável...

CORTA PARA os dois auxiliares do artista, que se adiantam e carregam AF até o bangüê (PLANO MÉDIO dos cinco personagens). Maurício e Januário se afastam com a padiola improvisada.

A cena termina com um P.A. do pintor Ataíde e de sua mulher acompanhando com o olhar triste a partida do insigne escultor já sentado no bangüê.

SOM - Ruídos ambientais; latidos afastados de cães.

CORTA PARA

INTERIOR - CASA DO ALEIJADINHO - NOITE

Vemos Antônio Francisco acabando de entrar na casa às escuras, com as botas de cano alto, que lhe permitem caminhar, embora com grande dificuldade. Enquanto anda (cameraman o segue com a **steadycam**) vai chamando:

ALEIJADINHO - Helena!... Helena!...

Silêncio. Só música repleta de presságio na **trilha sonora**. Ele caminha até o quarto de dormir, sempre seguido pela **steadycam**. Vai até o berço do filho, naturalmente vazio (P.P. do pequeno berço). Ouve um ruído e se volta para a porta. E vê a mucama e babá, Isabel, uma ex-escrava negra de idade avançada, fitando-o com compaixão (PONTO-DE-VISTA de AF). Ele pergunta:

ALEIJADINHO - Ela se foi, não é Isabel? E o Manoelzinho? Que foi feito dele?

P.P. da velha mucama, que abaixa a vista e responde, com imenso pesar:

ISABEL - Dona Helena levou ele pra casa da mãe.

SOM - Música muito triste (cordas).

A mucama se retira para o seu quarto, nos fundos (CÂMERA a acompanha um certo tempo em PAN.). CORTA PARA

Antônio Francisco é a própria imagem da desolação. Enquadrado em P.V. caminha no salão em penumbra até a velha cadeira de balanço austíaca (P.V. a

Senta-se com grande dificuldade. Sobre a mesinha ao lado uma grande Bíblia fechada, alguns esboços de desenhos e croquis (FLASHES). Acende o lampião, utilizando uma caixa de fósforos das grandes.

Um CORTE SECO permitirá se veja parte da sala com mais clareza ao acender o lampião. AF volta a vista para uma cadeira de palhinha, onde Helena vinha sentar e ouvir o companheiro contar casos de santos, sobretudo de São Francisco de Assis (na tela surge a imagem um tanto difusa de Helena sentada na cadeira, o rosto voltado para Antônio Francisco - P.P. dela).

Na trilha sonora cresce música triste.

SOM - Música triste (V.Lobos).

O Aleijadinho tenta apanhar o livro sagrado. Mas suas mãos tombam sobre a capa da Bíblia. A cabeça do gênio, onde a cor da velhice precoce tinge melancolicamente os cabelos, abaixa-se sobre a Bíblia e nela se apóia, no mudo, intenso e ansioso sofrimento.

SOM - Música triste (acordes finais).

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 22 (Flashback n° 21)

INTERIOR - IGREJA DE S. FRANCISCO DE ASSIS - DIA

PLANO MÉDIO da sacristia do templo. O Aleijadinho se prepara para reiniciar o trabalho no lavabo da igreja franciscana de Vila Rica. Maurício e Agostinho estão acabando de amarrar o formão na mão esquerda do escultor, que comenta, agora em P.P.:

ALEIJADINHO - As dores voltaram mais fortes nos dedos dos pés. Está ficando difícil suportar ...

AGOSTINHO - Em que pé, mestre?

ALEIJADINHO - Nos dois. Cada vez mais violenta, como se meus pés recebessem pancadas de uma marreta...

Maurício, visto em P.A. (o Aleijadinho igualmente no quadro), fixa com as tiras de couro o formão na mão direita do artista. DETALHE da amarração do

instrumento escultórico). Logo o Aleijadinho dará as primeiras pancadas da marreta no formão, arrancando lascas da pedra-sabão.

SOM - Ruídos dos instrumentos.

O Aleijadinho, embora aparentando sentir fortes dores, tenta continuar o trabalho de esculpir na pedra. Será agora enquadrado em CLOSE. De repente seu rosto, que a doença impiedosa tornou sinistra, é percorrido por um ricto expressando fortíssima dor. Ele deixa escapar um profundo gemido. Os lábios intumescidos estremecem.

SOM - Música dramática.

CORTA SECO para um BIG-CLOSE de São Francisco de Assis.

Estamos de volta à sacristia do lindo templo dedicado ao "povarello".

O que se verá em seguida é profundamente dramático, doloroso.

SOM - Música dramática continua.

O Aleijadinho, enquadrado em P.A., Agostinho em 2º plano no quadro, solta o couro que recobre um dos pés, coloca o formão sobre um dos dedos, e diante da estupefação dos ajudantes, que nada podem fazer, aplica violenta pancada da marreta sobre o formão.

SOM - Ausência de música; forte pancada da marreta no formão.

O dedo vôa longe, envolto em sangue (DETALHE).

O rosto do artista (CLOSE) é uma pungente máscara de sofrimento atroz. Agostinho rasga sua camisa e com o pedaço do pano ordinário envolve o pé de seu mestre e amigo (P.A. dos dois).

P.M. da sacristia. O Aleijadinho aguarda um instante e recomeça o trabalho. Os ajudantes fitam com grande pena o Aleijadinho e voltam a seus afazeres, desbastando um bloco de pedra-sabão.

SOM - Volta música dramática

Vamos para um PRIMEIRÍSSIMO PLANO do mais velho dos ajudantes do Aleijadinho, Agostinho, trabalhando, as lágrimas escorrendo pelo rosto coberto de suor.

SOM - Fundo musical dramático.

FADE-IN FADE-OUT

INTERIOR - SALA DE VISITAS DA CASA DE CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - NOITE

Estamos desta feita na ampla sala-de-visitas e biblioteca da residência do poeta e conspirador Cláudio Manoel da Costa. Um grupo inconfidentes ocupa os sofás e as cadeiras de palhinha, distribuídas em semi-círculo, como de hábito nas Minas Gerais.

Um velho mordomo de cor entra na sala (PAN.) e vai discretamente até a cabeceira da mesa ocupada pelo dono da casa. Diz, sussurrando:

MORDOMO - Doutor Cláudio, mestre Antônio Francisco Lisboa gostaria de falar com vossa excelência.

PRIMEIRO PLANO do poeta, que se volta para os convivas e diz:

CLÁUDIO - Nosso grande escultor, mestre Antônio Francisco Lisboa, está à porta. É muito amigo meu, e creio que sua presença será muito bem recebida pelos senhores. E tu, Xavier, vais poder conhecer o nosso grande artista, que, tenho certeza, comunga de nossas idéias, que são as de todos os patriotas de nossa pátria.

Todos aprovam com a cabeça (P.M. do grupo).

CÂMERA dá uma volta completa em seu eixo para enquadrar o Aleijadinho caminhando sobre as joelheiras na direção do dono da casa, que se levanta e vai ao encontro do visitante (PAN. e TRAV.LATERAL para registrar a caminhada de Cláudio Manoel da Costa e do nosso artista plástico). Os dois se apertam as mãos. Antônio Francisco lança uma saudação geral;

ANTÔNIO FRANCISCO - Boa noite para todos. (E para o seu anfitrião): Não quero incomodar, doutor Cláudio Manoel, não sabia que tinha visitas...

CLÁUDIO - Não incomoda nada, mestre Antônio Francisco. É um prazer e uma honra recebê-lo em minha casa, que é também sua. Todos aqui são meus amigos e admiradores de sua arte (PAUSA CURTA). Gostaria de apresentar a vosmecê o alferes Joaquim José da Silva Xavier, um valoroso companheiro nosso, e patriota provado.

Tiradentes, percebendo que o grande escultor escondera a mão entrevada no bolso do casacão, faz uma reverência, que o Aleijadinho retribui.

SOM - Sequência com ausência de fundo musical, apenas ruídos ambientais.

Em seguida Cláudio Manoel da Costa vai buscar uma cadeira de palhinha e com um gesto pede que o recém-chegado se sente. E toma novamente da palavra, dirigindo-se diretamente ao visitante:

CLÁUDIO - Mestre Antônio Francisco, vosmecê certamente soube da decretação pelo Visconde de Barbacena da ignóbil cobrança dos débitos, chamada de "derrama" pelo povo desta cidade, e que entrará em vigor a qualquer momento. É mais uma medida arbitrária e odiosa da coroa lusitana contra os legítimos interesses de nossa pátria!

CLOSE do Aleijadinho, que faz um gesto de franca concordância. Em seguida CÂMERA PANORAMIZA para enquadrar em P.P. a fgura do futuro mártir da Independência. Tiradentes, heói maior do Brasil, dirá, com a sua habitual exaltação:

TIRADENTES - Como eu dizia antes da chegada do nosso grande artista e, pelo que sei, firme defensor da libertação de nossa terra, não dá mais para esperar, contemporizar! Nosso movimento necessita mais do que nunca de arregimentar novos elementos das guarnições de Minas e do Rio de Janeiro e de cidadãos patriotas, sedentos da separação do Brasil de Portugal!

(Durante a fala do líder do movimento em gestação, e que terminou de forma trágica, ver-se-ão na tela CLOSES dos presentes, como Alvarenga Peixoto, Gonzaga e do próprio Aleijadinho, escutando com indisfarçável interesse a fala exaltada do grande líder revolucionário)

TIRADENTES (agora fixado em PRIMEIRÍSSIMO PLANO) - Senhores! Do outro lado do Atlântico numa grande nação, a França, ganham cada vez mais força e seguidores as idéias revolucionárias nascidas das pregações dos enciclopedistas e filósofos. Seus ideais atravessaram o Atlântico. Estudantes brasileiros na Europa também abrigam em seus jovens corações os mesmos anseios de independência de sua e nossa pátria aviltada pela cobiça lusitana. Em Paris um patriota, nascido em nossa terra, José Joaquim da Maia, encontrou-se com o embaixador dos Estados Unidos da América, Jefferson, que lhe assegurou o apoio de seu jovem país, hoje livre e soberano, ao movimento de libertação do Brasil, que se avizinha e que nada poderá deter!

Vários dos presentes se levantam e abraçam o Tiradentes, ao final de suas ardentes palavras de pregação da independência de nossa terra. O último TAKE mostrará em CLOSE FECHADO o rosto emocionado de Antônio Francisco Lisboa, os olhos marejados de lágrimas.

FADE-IN FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 23

(Flashback nº 22)

INTERIOR - QUARTO DE UMA CASA BASTANTE POBRE - NOITE

O quadro, fixado em PLANO MÉDIO, pode ser assim descrito: sobre uma cama estreita jaz o corpo inerte de uma mulher negra de idade bastante

avançada. É Isabel, mãe de Antônio Francisco Lisboa. Está cercada de mulheres e homens de cor e de alguns mulatos. Rezam em voz baixa.

SOM - Rezas em voz baixa.

Em breve a atenção de todos é atraída para a porta do quarto. Surge por ela a figura patética do Aleijadinho, caminhando com dificuldade sobre os joelhos com as joelheiras, e tendo ao lado um ajudante (Agostinho).

SOM - Rezas sussurrantes e
ruidos da caminhada do Aleijadinho.

O nosso artista pára diante da cama rústica e permanece de joelhos, o olhar fixo no rosto daquela que o gerou nos idos de 1738 (P.P.dele). Reza, sem mover os lábios. Depois volta-se para a figura de um velho padre e diz, com emoção na voz:

ALEIJADINHO - Peço-lhe, reverendo, que providencie sepultura digna para minha mãe, se possível no mesmo jazigo de meu saudoso pai.

O sacerdote, enquadrado em P.A. (o Aleijadinho no canto inferior do quadro) faz um sim com a cabeça e continua a rezar.

CORTA PARA

INTERIOR - CASA DO ALEIJADINHO - NOITE

Vamos para um DETALHE de mão de um negro batendo repetidas vezes, mas sem força, numa porta.

SOM - Batidas leves na porta.

Do DETALHE descrito vamos em CORTE DIRETO para um P.P. do Aleijadinho, ainda sentado diante da mesa repleta de livros, croquis e desenhos, além de moldes em gesso dos futuros profetas de Congonhas do Campo (CLOSES deles).

Ouvindo as batidas na porta o Aleijadinho se levanta com dificuldade e caminha sobre as joelheiras até a porta.

CORTA para um homem de cor, ainda jovem, vestido como os escravos que trabalham nas minas. O Aleijadinho abre a porta e dá com o escravo, o ar apavorado (P.A. dos dois, do exterior para o interior). O pobre homem mal consegue balbuciar:

ESCRAVO (emocionadíssimo) - Mestre Antônio Francisco... Pelo amor de Deus e de Nossa Senhora!... Me esconde!... Eu e

outros escravos fugimo da mina do Morro Velho... Os guarda viero atrás de nós... e depois os capitão do mato... Eu consegui escapar... Me dê proteção, mestre Antônio Francisco, pelo amor da Santa Mãe de Deus!...

Antônio Francisco faz o foragido entrar e fecha a porta, dizendo:

ALEIJADINHO - Atrás da casa tem um barraco, um pequeno depósito... Vá se esconder lá! Anda depressa!

O aterrorizado escravo tenta beijar a mão deformada do nosso artista, que faz um gesto de recusa e o empurra na direção da porta no fundo da sala .

A cena se fecha com o Aleijadinho se encaminhando para a sua mesa de trabalho.

SOM - Sobe música dramática, repleta de presságio.

FADE RÁPIDO

SEQÜÊNCIA 24 (Flashback nº 23)

EXTERIOR - ESTRADA DE TERRA - NOITE

Um homem cavalga velozmente por uma estrada de terra ligando Vila Rica a Cachoeira do Campo, onde o Visconde de Barbacena tinha uma fazenda, próxima do quartel da cavalaria das tropas portuguesas. FLASHES da cavalgada, enquanto na trilha sonora volta a ouvir-se a VOZ OFF de Bretas:

BRETAS (OFF) - No dia 15 de março de 1789 Joaquim Silvério dos Reis, coronel da guarda e grande devedor do erário régio, cavalgou até a vizinha Cachoeira do Campo, onde o Visconde de Barbacena tinha uma fazenda, vizinha do quartel de cavalaria da guarda portuguesa, para delatar ao governador-geral da província os principais líderes da conspiração em marcha, cujo objetivo era pôr fim à dominação lusitana no Brasil. Barbacena exigiu dele que relatasse tudo por escrito, o que ele fez, em carta datada de 11 de abril do mesmo ano de 1789.

SOM - Fundo musical durante toda a seqüência.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 25
(Flashback nº 24)

EXTERIOR - CASA DO ALEIJADINHO - MANHÃ

Vemos no enquadramento em P.G. Antônio Francisco, seu filho (criado pela avó, mãe de Helena), ao qual deram o nome do pai do artista, Manoel Francisco, agora um rapaz de seus dezenove anos, uma jovem de seus dezessete, dezoito anos, e que será a futura nora e parteira Joana Lopes, a velha mucama e os ajudantes Maurício, Januário e Agostinho.

À porta de sua casa o Aleijadinho (P.P. dele) estará dando as últimas instruções aos circundantes:

ALEIJADINHO - Tu, meu filho, e tu, Maurício, vão para Mariana para os arremates da capela de São Francisco, seguindo os esboços que deixei contigo, Manoel Francisco. Agostinho e os aprendizes continuarão a desmontar os andaimes e os tapumes da igreja de São Francisco de Assis.

Januário e Agostinho colocam o nosso artista na carroça adaptada para as viagens do Aleijadinho, com a lona destinada a protegê-lo do sol e das intempéries (P.M. e PAN.). AF está iniciando uma nova viagem a São João del Rei. Os ajudantes ajeitam seu mestre no almofadão no interior da carroça-carruagem. Antônio Francisco, agora enquadrado em PRIMEIRO PLANO, volta a falar:

ALEIJADINHO - Januário vem comigo a São João del Rei para ajudar na ornamentação da capela franciscana.

Um homem negro, de seus cinquenta anos de idade, toma a boléia do veículo improvisado puxado por uma mula: é o carroceiro Fagundes, muito amigo do nosso artista maior. Ele estala o chicote e a carroça começa a se deslocar.

SOM - Somente ruídos ambientais.

CORTA PARA

INTERIOR - CASA DOS INCONFIDENTES - DIA

Enquadramos Tiradentes, Cláudio Manoel da Costa, Gonzaga, Alvarenga, Silvério dos Reis e outros conspiradores, prestes a partir. Tiradentes, focalizado em P.P., está dizendo:

TIRADENTES - Não, Silvério, tu não deves me acompanhar ao Rio de Janeiro. É importante que continues com tua missão de espionar os movimentos das tropas e as intenções do Visconde de Barbacena. Levo um furriel comigo. Mensageiros trarão regularmente notícias dos meus passos na capital em busca de apoio à revolução.

CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - Tu tens, Xavier, os nomes dos nossos amigos no Rio de Janeiro. Eles te darão toda a ajuda de que necessitares.

PLANO MÉDIO: Tiradentes aperta a mão dos presentes, inclusive do delator Silvério dos Reis (DETALHE das mãos dos dois no instante da despedida).

SOM - Música pressagiosa.

CORTA PARA

SEQÜÊNCIA 26 (Flashback nº 25)

EXTERIOR - PRAÇA TIRADENTES - NOITE

P.G.: um oficial português deixa o Palácio dos Governadores, na atual Praça Tiradentes. Nas proximidades do palácio uma tropa bem municiada está prestes a se deslocar. O oficial chega diante da tropa e dá ordem de partida.

SOM - Ruídos de patas de cavalos tocando as pedras. Logo entra música dramática.

Segue-se um LONG=SHOT da tropa cortando em diagonal a principal praça da cidade.

CORTA PARA

EXTERIOR - RUA DA CASA DE TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA - NOITE

Vamos para um P.G. da mesma tropa estacionada diante da casa de Tomaz Antônio Gonzaga. A porta se abre e o poeta, com as mãos fortemente amarradas, deixa a sua residência na companhia do oficial já visto. Gonzaga tem o ar assustado. A pé, ele é obrigado a caminhar na noite agasalhada pela bruma.

SOM - Música dramática.

No momento em que a porta da residência do poeta de Marília de Dirceu se abre volta a ouvir-se na **trilha sonora**, de mistura com fundo musical em 2º plano sonoro, a voz OFF de Joana Lopes:

JOANA LOPES (OFF) - Quando os portugueses começaram a prender os conspiradores eu era uma mocinha de meus quinze anos, por aí. Me contaram que o primeiro a ser preso foi o desembargador Tomaz Gonzaga, o noivo de Marília, coitada...

Seguem-se PLANOS-FLASHES mostrando a caminhada de Gonzaga, preso, pelas ruas de Vila Rica. Na **trilha sonora** fundo musical dramático e logo VOZ OFF de Rodrigo Bretas.

SOM - Música de fundo dramática.

BRETAS (OFF) - E depois da prisão do poeta Tomaz Antônio Gonzaga a tropa cercou as casas e prendeu Domingos Vieira, os padres Carlos e Rolim, Manoel Rodrigues, José Lopes, os dois Resende Costa, Salvador Gurgel, Vidal Barbosa, Luiz Pisa e outros. Todos os chamados conspiradores delatados por Silvério dos Reis foram mandados para o Rio de Janeiro.

SOM - Música dramática.

FUSÃO LENTA

SEQÜÊNCIA 27 .

EXTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

Uma TOMADA em LONG-SHOT do bucólico sítio de Joana Lopes, inundado do forte sol ouro-pretano. Vê-se a velha nora do Aleijadinho ao lado de um cercado com muitos coelhos, na companhia de um casal de crianças de seus sete, oito anos.

SOM - Na **trilha sonora** apenas
ruídos de sítio: cantos de galos,
latidos, mugidos de vacas.

Vamos de imediato para um PLANO MÉDIO da velha e das crianças (um menino e uma menina), na realidade seus bisnetos.

CORTA PARA a chegada do historiador Rodrigo Bretas, enquadrado caminhando pela estradinha que leva à propriedade rural (TRAVELLING-LATERAL).

Segue-se um P.P. de Joana Lopes, que volta a vista para o visitante, diz qualquer coisa para os meninos e caminha na direção do nosso historiador-narrador.

CORTE SECO PARA

INTERIOR - SALA DO SÍTIO - MANHÃ

Joana Lopes está servindo um suco de manga ao visitante (P.A. dos dois). Bretas saboreia a bebida e diz:

BRETAS - Que delícia este suco de manga, dona Joana. Mas quero que a senhora me desculpe o incômodo que estou causando...tirando a senhora da companhia daquelas lindas crianças...

JOANA LOPES - Incômodo nenhum, professor. Eu só estava mostrando os coelhos para os meus dois bisnetos...

BRETAS (P.P.) - Uai, eu não sabia que a senhora teve filhos... E tem até bisnetos... Desculpe me meter em sua vida pessoal...

JOANA LOPES (P.P.) - Não precisa se desculpar, professor. Só tive uma filha com o Manoel Francisco... o senhor sabe... o filho do mestre Antônio Francisco... a Hercília... Ela me deu dois netinhos, um menino e uma menina... O primeiro morreu muito moço, se chamava João Batista...Ele se casou... deixa eu ver (puxa pela memória)... é, acho que foi há uns dez anos...

Neste ponto há um CORTE para um P.P. de Bretas, enquanto a parteira Joana Lopes fala em OFF:

JOANA LOPES (OFF) - ... É o pai do menino que o senhor viu há pouco comigo... danadinho de esperto, muito levado mesmo... Se chama Vicente... Já a outra netinha... a Stela... nasceu no Rio de Janeiro... É a mãe da Belinha, que o senhor viu com o priminho apreciando os coelhos...
(Bretas estará durante a fala de sua anfitriã anotando tudo em seu caderninho).

Depois Joana Lopes apanha o copo vazio do visitante e o coloca sobre uma bandeja sobre a mesa. Bretas torna a falar:

BRETAS - Interessante... Muito interessante... Então o Aleijadinho deixou descendentes... Alguém precisa pesquisar, levantar o itinerário do filho do Aleijadinho, Manoel Francisco, que, segundo se sabe, se mudou para o Rio de Janeiro... levantar a árvore genealógica do nosso grande escultor...

SOM - Durante toda a sequência apenas ruídos do sítio e gritos das duas crianças no exterior.

CORTA PARA

EXTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

Vamos para alguns SHOTS dos bisnetos da nora do Aleijadinho brincando de pega-pega diante do sítio.

SOM - Gritos dos meninos, latidos de cães, etc..

CORTA PARA

INTERIOR - SALA DO SÍTIO - DIA

P.P. de Bretas acendendo um cigarro de palha. Feito isto, dá uma longa tragada e diz:

BRETAS - Mas, voltando ao trágico desenlace do movimento que passou à História do Brasil como Inconfidência Mineira, fico imaginando o sofrimento do mestre Antônio Francisco quando soube da morte de seu grande amigo e conselheiro Cláudio Manoel da Costa... A senhora pode me contar alguma coisa sobre esse infausto acontecimento?

JOANA LOPES - Como já disse, eu era naquela época bem mocinha... Mas fiquei sabendo que meu sogro, sem que fosse percebido, conseguiu ver o doutor Cláudio na masmorra no porão da Casa dos Contos.

CORTA PARA

INTERIOR - MASMORRA NO PORÃO DA CASA DOS CONTOS (OU EM OUTRO LOCAL DE OURO PRETO) - NOITE

JOANA LOPES (agora OFF) - Por uma nesga da porta de ferro conseguiu enxergar o doutor Cláudio sentado num catre imundo, as mãos tapando o rosto, e chorando como uma criança. Eu soube que o meu sogro também desandou a chorar, e correu pra casa, onde passou a noite em claro, se lembrando do seu grande amigo e protetor....Depois eu também soube que dias depois o doutor Cláudio foi encontrado enforcado num vão da escadaria da Casa dos Contos, coitado, que fim triste o dele!...

BRETAS (interrompendo, com Joana no quadro) - Desculpe interromper a senhora, mas se lembra quando foi que aconteceu esse trágico acontecimento?

Joana Lopes puxa pela memória (os dois no quadro) e responde:

JOANA LOPES - Deixa ver... é... acho que foi no dia 4 de julho daquele ano... 1789... não é isto?... que o doutor Cláudio Manoel se matou... Ele era muito conhecido e estimado na cidade... Todo mundo lamentou muito o acontecido... durante muito tempo ouvi falar dele... da morte do coitado do doutor Cláudio...

Há uma pausa no relato da velha aparadeira (nome popular de parteira), fixada em P.P. Ela parece buscar na memória cansada detalhes do trágico evento. (Bretas também será enquadrado em P.A., escrevendo no caderno, e logo voltando os olhos para a dona do sítio).

JOANA LOPES - Me alembro agora que naquele dia vi dois soldados da guarda abrindo passagem nos curiosos ajuntados diante da Casa dos Contos... Logo depois deles vinham mais três meganhas com o corpo do infeliz doutor Cláudio Manoel... Ele tinha os olhos esbugalhados... tive muita pena dele...ele admirava muito meu finado sogro...

O derradeiro TAKE da sequência será um INSERT da mão do nosso historiador fazendo anotações no inseparável caderno.

SOM - Durante toda a sequência permanece música dramática na trilha sonora.

F U S ã O

SEQUÊNCIA 28 (Flashback nº 26)

EXTERIOR - VISTA DA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

Um LONG-SHOT para mostrar bem distante a cidade de São João del Rei (talvez utilizando uma pintura ou uma foto antiga), com cuidados especiais, a fim de não mostrar os horrendos espigões que enfeiam a paisagem barroca da

da cidade vizinha de Tiradentes, onde nasceu em 1746 o proto-mártir de nossa Independência, quando se chamava São José del Rei.

SOM - Música expressiva.

CORTA PARA

INTERIOR - SALA DE ESTAR DE BONITA CASA DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

Em P.M. enquadram-se o Aleijadinho, o ajudante Maurício e Lima Cerqueira, um abastado comerciante da cidade de São João del Rei, na confortável sala de visitas da residência desse último (**a seqüência deverá ser filmada em Ouro Preto**).

Lima Cerqueira está dizendo ao Aleijadinho:

LIMA CERQUEIRA - Sou filho de portugueses, mas abomino a violência com a qual a coroa lusitana vem impondo o seu domínio sobre nossa terra. Esta nação tem uma destinação de liberdade, de harmonia social, de tolerância religiosa e não pode aceitar a força pelas armas, a segregação racial, em forma de escravidão. (PAUSA): Mais um pouco de licor, mestre Antônio Francisco?

ALEIJADINHO - Aceito sim, está uma delícia...

LIMA CERQUEIRA - É de jabuticabas, de minha chácara em São José del Rei, vizinha da fazenda onde nasceu Joaquim Xavier... o Tiradentes.

P.P. do negociante, que continua:

LIMA CERQUEIRA - Temo muito pela sorte do alferes, preso e no momento sendo julgado no Rio de Janeiro. Soube por amigos da capital que ele assumiu durante a chamada Devassa toda a responsabilidade pelo movimento sedicioso - não é assim que as autoridades portuguesas se referem à tentativa de libertação da nossa pátria? - Isto demonstra o caráter de Tiradentes, sua dignidade de autêntico líder... mais do que isso, de verdadeiro herói...

ALEIJADINHO - Concordo plenamente com vosmecê. Meu filho Manoel Francisco me escreveu uma carta da capital e falou do assunto, da coragem e do patriotismo do alferes Joaquim José.

CLOSE do artista, que toma outro gole do licor e prossegue:

ALEIJADINHO - Conheci o Tiradentes quando conspirava na casa do doutor Cláudio Manoel da Costa que me honrava com a sua confiança e amizade e que me deu preciosos conselhos. Voltei a vê-lo na

minha vinda a São João del Rei, quando esse bravo mineiro viajava para o Rio de Janeiro alguns dias antes de ser descoberto o movimento.

Há um CORTE SECO para um PLANO MÉDIO para ensejar o enquadramento dos três personagens. O anfitrião apanha a garrafa com o licor e diz:

LIMA CERQUEIRA - Mais um pouco do licor, mestre Antônio Francisco? (e para Maurício) : E vosmecê, Maurício, não aceita mesmo?

Maurício sai do seu mutismo e embaraço para dizer:

MAURÍCIO - Obrigado, senhor Cerqueira. Não bebo mesmo...

O dono da casa enche então o cálice do Aleijadinho, que logo toma um gole da bebida.

PRIMEIRO PLANO de Lima Cerqueira, que volta a falar:

LIMA CERQUEIRA - Apreciei muito a solução que vosmecê achou para o frontispício da igreja de São Francisco de Assis de nossa terra, por cuja construção tanto tenho lutado. Toda a ornamentação da portada está belíssima. Tão bela quanto a da capela da mesma ordem franciscana de Vila Rica.

PRIMEIRO PLANO do Aleijadinho, que diz:

ALEIJADINHO - Agradeço penhorado suas palavras, mestre Lima Cerqueira, frutos de sua generosidade. Mas agora precisamos ir... O derradeiro TAKE dessa seqüência será para enquadrar os três personagens se dirigindo para a porta. PAN. para segui-los por algum tempo.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 29

(Flashback nº 27)

A seqüência seguinte constará em sua totalidade de TOMADAS de gravuras e iconografias mostrando o julgamento de Joaquim José da Silva Xavier no Rio de Janeiro e seu enforcamento no dia 21 de abril de 1792, na mesma cidade. E na trilha sonora ouvir-se-ão os comentários de Bretas e de Joana Lopes.

SOM - Música dramática a princípio
e logo VOZ OFF de Joana Lopes

JOANA LOPES (OFF) - Eu tinha os meus vinte, vinte e um anos... Me alembro que na Vila Rica só se falava da prisão e no julgamento do Tiradentes, lá no Rio de Janeiro... Ouvi dizer que os outros conspiradores presos lá na capital se denunciaram uns aos outros... uma coisa denada de feia... O senhor também sabia, não é mesmo professor?

BRETAS (OFF) - Sabia sim, dona Joana... Com exceção de Joaquim José, todos os inconfidentes tiveram um comportamento muito feio, indigno mesmo... O Tiradentes não, sua atitude foi a de um autêntico líder e herói... Não tenho a menor dúvida de que as gerações futuras de brasileiros vão cultuar eternamente essa grande figura de nossa História. A rainha de Portugal à época do julgamento dos conspiradores determinou que somente o principal cabeça do movimento em Minas fosse condenado à morte. E comutou a pena dos demais inconfidentes, impondo como castigo o degredo de quase todos.

JOANA LOPES (OFF) - Me alembro também que o meu sogro ficou profundamente chocado quando regressou a Vila Rica, vindo de São João del Rei, em meados de 1792... é... creio que foi nesse ano...

CORTA PARA

EXTERIOR - PRAÇA TIRADENTES - MADRUGADA

Vêem-se agora o Aleijadinho montado no burro puxado por Januário e Agostinho, a caminho do trabalho (FLASHES da caminhada). Na trilha sonora volta a ouvir-se a narração da nora do artista, com música dramática em 2º plano:

JOANA LOPES (OFF) - Me contaram também que o meu sogro, ao ir para o trabalho, cedinho ainda, passou pela praça que hoje tem o nome de Tiradentes e voltou os olhos para o alto do poste e custou a conter as lágrimas quando viu a cabeça ensangüentada do alferes Joaquim José, o Tiradentes. O Agostinho me contou depois que o meu sogro tirou o chapéu e ficou um bom tempo fitando aquela parte do corpo esquartejado do Tiradentes, sem dizer nada, apenas rezando uma oração pela alma do nosso herói.

SOM - Música dramática de Villa-Lobos explode na trilha sonora

FUSÃO

SEQÜÊNCIA 30
(Flashback nº 28)

INTERIOR - IGREJAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS E DE ANTÔNIO DIAS - DIA

TAKES-FLASHES mostrarão o Aleijadinho, bastante envelhecido e deformado pela moléstia que desfigurou as suas mãos e fez caírem os dedos dos pés, trabalhando com grande afínco no interior da igreja de São Francisco de Assis.

SOM - Música sacra (Lobo de Mesquita)

Num desses **shots** (um P.M. em **contre-plongée**) o artista será mostrado atingindo o alto de um andaime e ajeitando o toldo para que não fosse visto por quem ousasse entrar no templo praticamente concluído. A série terá seu fecho com um enquadramento do mestre escondido num desvão da igreja de Antônio Dias (P.G. da fachada), vizinha da casa onde morava, de onde acompanha a missa.

SOM - Música sacra.

CORTA PARA

INTERIOR - SACRISTIA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

Estamos agora na sacristia totalmente acabada do templo dedicado ao santo "povarello", vista em PLANO GERAL. Vêem-se o Aleijadinho e Maurício na companhia de dois padres integrantes da ordem religiosa do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, e do administrador daquela igreja, visitada hoje por milhares de fiéis vindos de diferentes pontos do país e do exterior. O grupo está distribuído pelas diversas cadeiras de espaldar alto, bem lavradas, em torno de uma ampla mesa de jacarandá. O Aleijadinho está lendo um contrato para a realização de serviços no referido santuário. Segura o papel com os dois dedos sadios da mão direita, que tem os demais bastante deformados. Na trilha sonora, sobrepondo-se a essas imagens, ouve-se a voz off do historiador Rodrigo Bretas, seguida da parteira Joana Lopes.

BRETAS (OFF) - A senhora, dona Joana, poderá me dizer quando exatamente o mestre Antônio Francisco viajou para Congonhas do Campo, contratado por Vicente Freire de Andrade para esculpir os doze profetas em pedra-sabão e as sessenta e seis figuras em madeira, e em tamanho natural, dos Passos da Paixão?

(Na tela vê-se o Aleijadinho lendo o contrato, observado pelos dois clérigos, pelo administrador do santuário do Bom Jesus de Matosinhos e por Maurício. E na trilha sonora passa a ouvir-se a voz da parteira Joana Lopes:

JOANA LOPES (OFF) - Deixa eu ver...é, acho que foi quando o meu sogro contava pra mais de sessenta anos...é sim... agora tenho certeza...e o ano era 1796, por aí... O administrador do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus de Matosinhos, esse mesmo que o senhor nomeou, ofereceu a ela boa paga pela feitura dos profetas e das figuras em madeira, creio que o cedro...

BRETAS (OFF) - É, a senhora está certa, todas as 66 figuras são em cedro, madeira de sua preferência...

JOANA LOPES (OFF) - ...Meu sogro exigiu que o pintor Manoel da Costa Ataíde, que sempre trabalhava com ele, encarnasse essas figuras...O senhor já esteve lá, não é mesmo professor?

BRETAS (OFF) - Estive sim, dona Joana, e muitas vezes... Não me canso de apreciar as obras do mestre Antônio Francisco Lisboa naquela cidade... sobretudo as figuras em madeira dos Passos, que eu considero a obra prima do Aleijadinho e da torêutica em todo o Brasil...

CORTA PARA

INTERIOR - SACRISTIA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

Voltamos ao grupo reunido na sacristia do belo templo de Ouro Preto. O Aleijadinho acaba de ler o contrato (P.P. do artista), dizendo:

ALEIJADINHO - Creio que está bem. Muito me apraz a idéia de modelar os doze profetas em pedra, e as figuras dos Passos da Paixão em madeira, e em tamanho natural. Mas gostaria que vosmecê, doutor Vicente Freire de Andrade...

Neste ponto teremos um CLOSE do administrador do Santuário, enquanto o Aleijadinho estará falando em OFF.

ALEIJADINHO (OFF) - incluísse no contrato o Maurício, o Agostinho e o Januário, que trabalham comigo há muito tempo. Estou velho e cansado...

Novo P.P. do artista, sempre com a palavra:

ALEIJADINHO - e os meus auxiliares me serão de muita valia. Ah, rogo também que faça parte do contrato o nome do Manoel da Costa Ataíde, que naturalmente o senhor deve conhecer bem, para encarnar as imagens.

Há um CORTE para Vicente Freire de Andrade, que diz, enquadrado em P.P.:

VICENTE FREIRE DE ANDRADE - Mas sem dúvida. Vou colocar agora mesmo os nomes deles.

O administrador apanha o contrato deixado sobre a mesa e acrescenta a tinta os nomes lembrados pelo Aleijadinho.

SOM - Somente ruídos ambientais .

CORTA PARA

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

Estamos novamente na sala do sítio da nora do Aleijadinho, nas vizinhanças da imperial cidade de Ouro Preto, então capital da província de Minas Gerais. Joana Lopes, enquadrada em P.A., com o nosso historiador também no quadro, escrevendo em seu inseparável caderninho, estará dizendo, enquanto na trilha sonora se ouvirá em 2º plano música triste.

SOM _ Música triste (V.Lobos).

JOANA LOPES (campo) - Por esse tempo meu sogro estava muito acabadinho... a doença não largava dele... Me arrecordo que quase todos os dedos dos pés haviam caído ou ele mandou cortar, tantas eram as dores que sentia... O aspecto dele era de assustar, e muitas crianças saíam correndo quando davam com ele... e isso deixava ele arrasado, muito, mas muito triste...

BRETAS (contra-campo) - Pobre homem! Não conheço exemplo de uma criatura humana que tenha superado o sofrimento com tanto empenho, como se tivesse recebido de Deus uma ordem pra não parar de realizar as suas obras, todas voltadas para enaltecê-Lo e louvá-Lo. Os dois estão vizivelmente emocionados. Depois de uma pequena pausa Joana Lopes volta a falar:

JOANA LOPES (campo) - É verdade, professor, meu sogro não se entregava à dor, e pobre e sozinho tocava o seu barco sem

esmorecer... Não tinha nenhum tino comercial, e sempre exploravam ele, inclusive alguns padres das ordens religiosas de Vila Rica e de outras paróquias. Também alguns falsos amigos e até mesmo alguns auxiliares embolsavam as moedas ou guardavam mais do que deviam do que pagavam ao patrão, sempre um mão aberta...

Bretas, sempre no quadro, interrompe a nossa narradora pra dizer, pesaroso:

BRETAS - Pobre homem, e grande artista! E um predestinado de Deus!

JOANA LOPES - Foi mesmo um predestinado, o meu saudoso sogro... Além de explorarem ele gastava mais do que podia com esmolas aos pobres e com as doações às irmandades, principalmente dos pretos.

(Nesta altura os olhos da parteira Joana Lopes estarão cheios de lágrimas).

SOM - Música triste, que continua na próxima seqüência.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 31

(Flashback nº 29)

EXTERIOR - RUA DA CASA DO ALEIJADINHO - MANHÃ

O quadro de abertura desta nova seqüência pode ser assim descrito: uma velha caleça, puxada por dois cavalos brancos, e conduzida por um cocheiro de vastos bigodes e chapelão à cabeça, está parada diante da casa modesta do Aleijadinho, no bairro de Antônio Dias. No seu interior pode ser visto o administrador do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Vicente Freire de Andrade.

SOM - Música triste continua.

Alguns curiosos e um grupo de crianças aguardam o aparecimento do famoso escultor, prestes a partir para Congonhas do Campo. Afinal ele aparece, carregado por Agostinho e Januário, com Maurício ao lado (P.A. dos quatro, com PAN.). O chapelão tombado sobre a cabeça não impede contudo que os curiosos possam ver o rosto muito inchado do artista, os olhos quase

encobertos pelas grossas pálpebras. Traz o velho casacão escuro, e suas mãos com os dedos deformados, bastante tortos, e inutilizados, estão escondidos nos largos bolsos (tomadas diversas, com panorâmicas).

SOM - Música triste e murmúrios.

O Aleijadinho tem tempo de dirigir um olhar doce, embora profundamente entristecido, na direção do grupo de crianças, que tanto ama, e que fogem dele como se tivessem visto o próprio demônio. O nosso grande artista é colocado no interior da carruagem, pertencente à congregação do Santuário de Congonhas. Agostinho e Januário vão se colocar ao lado do cocheiro, enquanto Maurício vai sentar-se ao lado do velho mestre.

Na trilha sonora ouvem-se comentários em voz baixa e vozes desejando boa viagem ao artista.

* SOM - Música desaparece, substituída por vozes de despedida:

"Boa viagem, mestre Antônio Francisco!" "Boa viagem, Aleijadinho!" "Vai com Deus!"

A caleche arranca (PAN. para acompanhá-la por algum tempo na manhã nevoenta.

SOM - Ruídos das rodas do veículo tocando as pedras do calçamento irregular.

CORTA PARA

EXTERIOR - RUA DE CONGONHAS DO CAMPO - DIA

Antecedido por um PLANO descortinando a caleça rodando por uma estrada, a cidade de Congonhas do Campo à vista, na tarde estival, vamos para um SHOT do mesmo veículo de transporte passando por uma rua, naturalmente sem que possam ser vistos postes, anúncios luminosos e outros entraves modernos. Vários moradores assomam às janelas e gritam o nome do admirado artista mineiro:

MORADOR 1 - Seja bem-vindo, mestre Antônio Francisco!

MORADOR 2 - Deus te proteja e ilumine, Aleijadinho!

CORTA PARA

EXTERIOR - PRACINHA PRÓXIMA DO SANTUÁRIO - DIA

P.G. - Um bom número de habitantes de Congonhas está reunido diante da casa ocupada pelo ilustre hóspede e seus ajudantes. Um desses curiosos grita o nome do artista, desejoso de vê-lo à janela:

CURIOSO - Mestre Aleijadinho! Mestre Aleijadinho!

Um P.A. para enquadrar agora o Aleijadinho, que a contragosto surge na janela baixa. Ouve-se um **oh!** mais de susto do que de admiração: a figura do grande artista efetivamente é de assustar, de provocar grande pena.

CORTA para um CLOSE FECHADO do Aleijadinho, que perpassa o olhar pelo grupo de congonhenses e deixa a janela, triste, abatido. Em silêncio os populares vão se afastando do local.

SOM - Música triste (Villa-Lobos).

FUSÃO

EXTERIOR E INTERIOR - CASA E ESTÚDIO (CONGONHAS) - DIA

TAKES-FLASHES do nosso artista trabalhando num estúdio improvisado, instalado numa espécie de telheiro (alpendre com cobertura de telha-vã), auxiliado pelos três artífices, além de outros ajudantes recrutados na cidade. Uma réplica de um dos profetas pode ser vista, enquanto o escultor trabalha na cabeça de outro profeta em pedra-sabão (**atenção cenografia: preparar réplicas**).

SOM - Música religiosa.

CORTA PARA

EXTERIOR - PRAÇA DEFRONTE DO SANTUÁRIO - DIA

Série de FLASHES da esplanada do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus de Matosinhos, através de sucessivas FUSÕES, para registrar, graças a hábeis trucagens, o surgimento das doze esculturas famosas dos profetas em seus pedestais. As grandes imagens em pedra-sabão deverão surgir uma a uma diante do monumental adro do templo, verdadeira obra de arte arquitetural, criada pelo gênio do barroco brasileiro.

SOM - Música expressiva.

CORTA PARA

EXTERIOR E INTERIOR - CAPELINHA COM AS IMAGENS DA SANTA CEIA - DIA

Um PLANO GERAL da capelinha onde está exposto o Grande Passo da Santa Ceia, uma das maiores obras do Aleijadinho no terreno da escultura. Vêm-se Agostinho e Maurício, o primeiro ajudando a levar para o interior da construção integrante do conjunto de seis pequenas capelas, nas quais estão colocadas as sessenta e seis figuras em cedro e em tamanho natural representando os Passos da Crucificação, a imagem de um dos apóstolos esculpidos na oficina montada por Antônio Francisco Lisboa em Congonhas do Campo.

SOM - Música sugestiva, a princípio, e logo dramática.

De repente o mais velho dos auxiliares do Aleijadinho cambaleia, soltando um fundo gemido. Aperta o peito com as mãos (P.P). Maurício apanha a imagem esculpida e a coloca no interior da capelinha. E volta imediatamente para o exterior. Tenta levantar a cabeça do companheiro e ajudante do Aleijadinho, instante em que Agostinho tenta fazer o sinal da cruz e morre, serenamente. Januário entra no quadro pela direita e apóia o ouvido no peito do amigo. E olha desolado para Maurício; e nada diz; e o outro compreende tudo.

SOM - Música triste.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 32

(Flashback nº 30)

EXTERIOR - ESTRADA DE VILA RICA COM SÍTIO - DIA

Estamos em 1808. A velha carroça adaptada para conduzir o nosso artista pode ser vista rodando por uma estradinha (P.G. e PAN.). Ao fundo, **à direita do quadro**, vê-se uma fazendola. Conduzindo o veículo vê-se o único ajudante ainda vivo, Maurício.

Há um CORTE SECO para o interior da charrete. Deitado sobre uma velha lona, a cabeça repousando sobre um almofadão, pode ser visto o Aleijadinho, muito envelhecido (P.P. dele). Tem os olhos abertos.

SOM - Música melancólica.

Um outro PLANO GERAL para focalizar a charrete se aproximando da propriedade rural, vista **à direita do quadro**. Em CORTE SECO vamos novamente para o Aleijadinho deitado na charrete. Ele dirá debilmente para Maurício:

ALEIJADINHO - Maurício, estou muito cansado e com muita sede. Pare em algum lugar com água.

P.A. de Maurício e do Aleijadinho. O cocheiro diz:

MAURÍCIO - Tem uma fazendinha bem ali. Quer que eu pare lá?

O Aleijadinho faz um gesto de concordância com a cabeça.

CORTA PARA

EXTERIOR - FAZENDOLA - DIA

Eis como imaginamos o quadro: a charrete está parada diante da modesta sede da propriedade. Maurício desce da boléia e bate palmas (P.M. e PAN.). A porta se abre e uma mulher de seus sessenta e muitos anos, os cabelos brancos, aparece, um tanto desconfiada (marca registrada dos mineiros...). Veste-se com muita simplicidade, e tem um chale sobre os ombros (PRIMEIRO PLANO dela).

MAURÍCIO (OFF) - Boa tarde, dona. Será que a senhora...

Há um CORTE SECO para o Aleijadinho, que levantara o corpo no interior da carroça e olhava para a porta da fazendinha. Ele demonstra grande surpresa. Voltamos para a porta da propriedade para enquadrar Maurício e a proprietária da fazendola. O envelhecido ajudante do nosso artista dá demonstração de reconhecê-la.

MAURÍCIO (enquadrado em CLOSE) - Mas... acho que conheço vosmecê... A senhora não é a Helena?...

Ao ouvir esse nome o Aleijadinho (novo P.P. dele) olha com mais insistência na direção da fazendeira parada junto à porta. Ele tem um estremecimento. Reconhece enfim a companheira de longos anos e mãe de seu filho.

Cortamos para um CLOSE de Helena, os olhos também voltados para o Aleijadinho. PONTO-DE-VISTA de Helena: o nosso principal personagem fita com grande tristeza a antiga companheira. Há uma grande emoção no ar translúcido, com um céu sem sequer uma só nuvem.

SOM - Vento forte, repentino,
substitui a música triste.

P.A. de Helena, com Maurício em 2º plano visual. Ela se dirige ao Aleijadinho:

HELENA - Vamos apear, Antônio Francisco. Sou eu mesma, a Helena. Não faça cerimônia. Vamos entrar...

Maurício vai até a charrete e, forte ainda, apesar de seus setenta anos, toma nos braços o velho mestre e o conduz para o interior da fazendola, seguido pela Helena.

P.P. do Aleijadinho, ao passar pela antiga companheira. Eles se fitam por instantes, mudos, emocionados.

SOM - Vento forte, apenas.

CORTA PARA

INTERIOR - SALA DE JANTAR DA FAZENDOLA - TARDE

O Aleijadinho será visto nesta TOMADA EM P.M. na cabeceira da pequena mesa com pano rendado no centro e um vaso de flores sertanejas. Helena está acabando de servir um suco de manga aos recém-chegados. Maurício toma um último gole da bebida e diz para os dois:

MAURÍCIO - Agora me dão licença que eu vou dar um pouco de capim pro animal.

P.A. de Helena e do Aleijadinho, a primeira de perfil, o rosto voltado para ele, o nosso artista de frente fitando-a demorada e tristemente. Ela passa uma cesta

com pãezinhos de queijo para o antigo companheiro, que recusa, com um gesto vago. Seus olhos estão muito empapuçados, os beijos inchados, a barba e os cabelos brancos.

SOM - Ruídos ambientais e vento forte.

Afinal o Aleijadinho rompe o pesado silêncio que tombou sobre a salinha.

ALEIJADINHO - Tu ainda vives com o... como é que ele se chama... José Romão, não é?

HELENA - Não, Antônio Francisco. Faz muitos anos que ele me abandonou no Rio de Janeiro e voltou pra Portugal, deu baixa na tropa.

Antônio Francisco abaixa a vista, e sem fitá-la diz:

ALEIJADINHO - Deves saber que o nosso filho, Manoel Francisco, está um rapagão. Já fez ... deixa eu ver... é, vinte e cinco anos. Está querendo se mudar para o Rio de Janeiro. Nossa Vila Rica está decadente, com poucas oportunidades para um carpinteiro. E a permanência da família real portuguesa na capital está trazendo muito progresso àquela linda cidade... PAUSA. Helena (agora focalizada em CLOSE CERRADO) diz:

HELENA - Depois que o José Romão me deixou andei fazendo alguns serviços em casas de família lá no Rio de Janeiro, e depois vim ficar com minha irmã Maura em Passa Tempo. Foi quando conheci o Jesuino, e vim morar com ele aqui na fazenda. Ele tá fora, foi à cidade. (PAUSA) E tu, Antônio Francisco, tens tido muito serviço?

O Aleijadinho responde, cabisbaixo, um fiapo na voz (CLOSE dele):

ALEIJADINHO - Minhas forças estão acabando, Helena, não pego mais serviço que exige força física. E agora só me ressta o Maurício. O Agostinho e o Januário Deus já levou...

CÂMERA PANORAMIZA na direção da porta de entrada para mostrar em P.A. Maurício, que anuncia:

MAURÍCIO - Tá tudo pronto, mestre Antônio Francisco.

O Aleijadinho, enquadrado em P.A., juntamente com Helena, faz um gesto para que o velho auxiliar venha apanhá-lo.

PLANO AMERICANO: Maurício toma o Aleijadinho nos braços e o carrega para fora.

CORTA PARA a frente da fazendola. Maurício coloca o nosso artista no interior da carroça (PAN. para acompanhar a sua caminhada). Há um CORTE para Helena, que será enquadrada em P.P. fitando o antigo companheiro.

Ela acompanha com os olhos, tristonha, a partida da carroça. PONTO-DE-VISTA de Helena: a carroça faz uma curva e ganha novamente a estradinha (PAN.).

SOM - Ruídos ambientais: vento e latidos de cachorros, além do barulho do cavalo em movimento.

Vamos de novo para a antiga companheira de Antônio Francisco, enquadrada em CLOSE FECHADO. Ela tem os olhos marejados. Faz um gesto de despedida com a mão na direção da charrete, **fora do quadro**.

FUSÃO RÁPIDA

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - MANHÃ

Estamos novamente na sala do pequeno sítio da parteira Joana Lopes. Bretas deposita o caderno sobre a mesinha do lado (DETALHE) e fala:

BRETAS (CAMPO, com Joana Lopes à direita do quadro, em 3/4 perfil) - Creio que os últimos trabalhos do Aleijadinho na ornamentação e no traço arquitetônico foram num dos altares da igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Vila Rica, além dos riscos para o frontispício da matriz de Santo Antônio, em Tiradentes, antiga São José del Rei. A senhora confirma essas informações, que obtive na ordem franciscana, dona Joana?

JOANA LOPES (CONTRA-CAMPO, Bretas à direita do quadro, 3/4 perfil) - É, o senhor tem toda a razão, professor. Me alembro do grande sacrifício que o meu sogro fazia para subir nos andaimes da capela do Carmo. Ele já andava pelos setenta e muitos anos, e morava em nossa casa no bairro de Antônio Dias, minha e do Manoel Francisco, o senhor sabe, meu finado companheiro, filho do mestre Aleijadinho...

Joana Lopes se cala; levanta-se e vai até a cozinha, enquanto o nosso historiador faz anotações no seu caderninho. Joana logo volta com uma cafeteira e uma cesta com pãezinhos de queijo (PAN. para enquadrá-la até chegar diante de seu hóspede). E diz, enquanto enche de café as duas canecas de latão:

JOANA LOPES - Sirva-se, professor. Tá tudoquentinho...

CORTA PARA

EXTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - MANHÃ

Vamos num CORTE SECO para as vizinhanças do sítio, a fim de enquadrar em P.M., com TRAVELLING-ATRÁS, uma vaca, puxada por um menino sertanejo, no caminho do curral, seguramente para a ordenha.

SOM - Mugido de vaca. Latidos.

CORTA PARA

INTERIOR - SALA DO SÍTIO - MANHÃ

Estamos de novo com a nora do Aleijadinho, tomada em Pp.P.. Ela diz:

JOANA LOPES - Meu sogro andava muito ranzinza, reclamava de tudo... Me alembro que ele disse que tinha recebido a sua paga em ouro falso; e estava muito zangado com o Justino, um ajudante nos serviços de talha, que abandonara ele na casinha pertencente à Irmandade do Carmo. Meu sogro ficou esquecido muitos dias na casinha perto da igreja, jogado num quarto pequenino, escuro e quase sem ventilação. O Justino tinha ido passar os dias santos de Natal numa casa da rua do Alto da Cruz e se esqueceu de cuidar de seu mestre e de lhe dar os remédios que devia de tomar...

CORTA para P.P. de Bretas, ouvindo com enorme atenção a fala de sua anfitriã e anotando tudo no caderno.

JOANA LOPES (continuando, em OFF) - A falta dos remédios fez o meu sogro perder quase que inteiramente a visão. Foi aí que o Manoel Francisco e eu truxemos ele pra nossa casa. O Manoel Francisco ficou uma fera com o Justino, e ameaçou até de dar uma surra naquele safado...

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 33

(Flashback nº 31)

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE JOANA LOPES - NOITE

Enquadra-se agora o Aleijadinho estendido nas tábuas de um catre bastante humilde, coberto apenas por uma colcha sertaneja. Ao lado uma mesinha com uma vela acesa. A parteira Joana Lopes, agora uma mulher forte, de seus quarenta anos, está sentada na beirada da cama estreita e serve uma colher de sopa ao Aleijadinho. Ele engole com alguma dificuldade o alimento.

SOM - Música dramática.

Sobre essas imagens volta a ouvir-se a VOZ OFF da parteira:

JOANA LOPES (OFF) - Meu sogro piorava dia a dia.

Não enxergava quase nada, e exigiu que fosse colocado sobre as duras tábuas, sem nenhum colchão. Passava os dias com os olhos empapuçados fixados num crucifixo pregado na parede defronte da cama estreita. De vez em quando aparecia um amigo ou outro...

CORTA PARA o mesmo quarto para que se vejam dois homens humildes, já idosos, sentado num banco ao lado da cama. Conversam com o Aleijadinho. Mas na trilha sonora o que se ouve é a voz OFF de Joana Lopes.

JOANA LOPES (OFF) - Seu rosto estava todo inchado... dava pena ver ele assim... Durante o tempo que ficou entrevado no quartinho às vezes eu ouvia ele dirigir xingamentos à imagem do Senhor na cruz... ao crucifixo, mas logo se arrependia, e chorava de dar dó... Uma vez ouvi ele dizer, em meio ao choro: "Senhor, ponha os teus divinos pés sobre mim!"

ATENÇÃO: ESSA FALA, E AS QUE SEGUEM, SERÃO PRONUNCIADAS EM OFF SOBRE IMAGENS DE SANTOS FEITAS PELO GRANDE ARTISTA BARROCO, ALTERNANDO COM TAKES DO ALEIJADINHO NO CATRE, SOZINHO OU NA COMPANHIA DO FILHO E DA NORA.

SOM - Música triste.

E voltamos à VOZ OFF do historiador Rodrigo José Ferreira Bretas:

BRETAS (OFF) - Pobre grande homem! Que triste fim de um artista de gênio, que as gerações futuras de nossa terra saberão com toda a certeza cultuar! (E com grande comiseração) - TANTA MISÉRIA OUSANDO ALIAR-SE A TANTA POESIA! (PAUSA): A senhora, dona Joana, guardou na memória a data de sua morte?

JOANA LOPES (OFF) - Me alembro sim... Foi no dia 18 de novembro de 1814. Morreu serenamente, assistido pelo filho, por mim e por dois vizinhos, muito amigos dele... e por um padre muito moço, que deu a ele a extrema-unição.

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 34 (FINAL)

Nesta última seqüência será mostrada em **flashes** seletivos a Ouro Preto de hoje. A Cidade-Patrimônio da Humanidade é na atualidade uma cidade alegre, dinâmica, graças sobretudo ao elevado número de estudantes universitários vindos de diferentes regiões do Brasil e até mesmo do exterior, atraídos principalmente pela fama e pela excelência do ensino da tradicional Escola de Minas e Metalurgia, integrante da Universidade Federal de Ouro Preto. Acresce mencionar o grande contingente de visitantes nacionais e estrangeiros, interessados em sua maioria em conhecer o singular barroco mineiro e algumas das principais obras de seu mestre, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que esta cinebiografia buscará exaltar. Ônibus e carros das mais diversas procedências sobem e descem as ladeiras da mágica cidade, e que tem seu ponto culminante na Praça Tiradentes, onde se eleva a estátua do Proto-Mártir de nossa Independência, e onde também se erguem dois dos mais belos exemplares da arquitetura civil setecentista: o da supracitada Escola de Minas e Metalurgia, antigo Palácio dos Governadores, projeto de Manoel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho, e do Museu da Inconfidência, antiga Casa da Câmara e cadeia.

O registro filmico da cidade de Ouro Preto e de seus habitantes deverá ser feito através de **shots** curtos, mas de grande impacto visual. As igrejas, com ênfase para a obra prima do Aleijadinho, a de São Francisco de Assis. As belas imagens do Aleijadinho-santeiro, os trabalhos de talha e ornamentação, as esculturas. E notadamente os profetas em pedra-sabão e as figuras em madeira dos Passos, em Congonhas do Campo, obra capital do maior artista plástico das Américas.

O último **plano filmico** será uma repetição da visão de Ouro Preto de muito alto, com uso de um helicóptero, com o Pico do Itacolomi em **primeiro plano**.

SOM - Música forte, final.

ARGUMENTO: Ouro Preto e S. Paulo (1954) // ROTEIRO: GERALDO E RENATO SANTOS PEREIRA (1993-1995-1997) // REDAÇÃO FINAL: RENATO SANTOS PEREIRA (1998).

